



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL-HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

GILMARA DA SILVA BEZERRA

SEMIÓTICA DA CULTURA: AS INTERPOSIÇÕES LINGUÍSTICAS NA
NARRATIVA TELEJORNALÍSTICA EM RORAIMA

BOA VISTA
2012

GILMARA DA SILVA BEZERRA

**SEMIÓTICA DA CULTURA: AS INTERPOSIÇÕES LINGUÍSTICAS NA
NARRATIVA TELEJORNALÍSTICA EM RORAIMA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado a Universidade Federal de
Roraima, como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social - Habilitação em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Maurício Zouein

BOA VISTA

2012

GILMARA DA SILVA BEZERRA

**SEMIÓTICA DA CULTURA: AS INTERPOSIÇÕES LINGUÍSTICAS NA
NARRATIVA TELEJORNALÍSTICA EM RORAIMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo.

Prof. Msc. Maurício Zouein
Orientador/ Curso de Comunicação – UFRR

Profa. Msc. Sandra Gomes
Curso de Comunicação da UFRR

Prof. Msc. Dr. Eloi Martins Senhoras
Curso de Relações Internacionais

Dedico este trabalho a minha família, em especial, aos meus pais, Manoel e Gilda. Minha amada mãe que mesmo ausente em vida me traz além de muitas saudades, forças para continuar a caminhada em busca da realização profissional. E meu querido pai que diante dessa imensa falta tenta suprir o sofrimento dos filhos com o seu jeito humilde e sincero de expressar o amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido a vida e ao privilégio de nascer em uma família especial.

A toda minha família que durante minha trajetória na graduação sempre demonstrou apoio.

Ao meu pai que desde o meu nascimento lutou para que a família tivesse amor, conforto e principalmente, sabedoria e condições para dedicação aos estudos e ter um futuro feliz.

A minha mãe, sempre muito amiga e que eu também considerava minha filha. Um amor e uma cumplicidade incondicionais que mesmo diante da batalha contra o câncer se fortalecia a cada dia. Apesar de não estar mais presente em vida, continuo com a certeza do seu apoio que me faz superar as dificuldades da vida.

Ao meu namorado, Relvison Barreto e acima de tudo, meu grande amigo que apareceu na minha vida em momentos difíceis e sempre ao meu lado me ensinou a enxergar a vida de uma forma melhor.

Ao meu professor orientador Maurício Zouein pelo estímulo e ajuda na produção deste trabalho de pesquisa.

A todos os professores de toda a minha caminhada nessa graduação que me proporcionaram conhecimento na área.

Aos meus colegas de curso: Anne de Freitas, Laura Veras, Natacha Portal, Ana Cláudia, Débora Eloy e demais colegas que durante a faculdade constituímos amizade e compartilhamos momentos de muita felicidade.

A Ayslane Dantas, gerente de jornalismo da TV Roraima e toda a equipe da emissora pelo fornecimento de informações necessárias a pesquisa.

A Marleide Cavalcante, diretora da TV Universitária, e toda a equipe da administração, da técnica e do jornalismo que com todos os esforços me ajudaram a executar meu documentário. A Raphaela Queiroz, diretora de produção sempre amiga e disponível para ouvir meus desabafos e acalmar meu coração.

A Eulyna Vasconcelos do Departamento de Comunicação da Universidade pela troca de confidências, apoio e carinho.

Aos entrevistados: Aline Padilha, apresentadora, Rubens Medeiros, repórter, Cristina Brum, repórter, Manoela Gomes, fonoaudióloga, Andréia Lima,

telespectadora, Deborah Freitas, professora de Letras, Gilvan Costa, presidente do Sindicato dos jornalistas de Roraima, professora de comunicação, Antônia Costa.

A todos que demonstraram sinceros sentimentos em relação a mim.

“Ser feliz não é ter uma vida perfeita. Mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância. Usar as perdas para refinar a paciência. Usar as falhas para esculpir a serenidade. Usar a dor para lapidar o prazer. Usar os obstáculos para abrir as janelas da inteligência.”

(Augusto Cury)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa mostra a adaptação e evolução do jornalista migrante e inexperiente em televisão, com ênfase nos cuidados com a voz e o texto específicos de uma padronização de qualidade exigida por muitas empresas de comunicação. É contextualizado o fenômeno da migração que dentre outros fatores acarreta numa nova reterritorialização de um local e formação cultural, intelectual e linguístico das pessoas. Além de apresentar as variações lingüísticas do Brasil, o processo de construção da linguagem na televisão e conhecimento sobre o trabalho do objeto de estudo com foco na TV Roraima. O estudo contempla uma análise com base na semiótica da cultura da vida de três jornalistas migrantes, incluindo a transição pelo qual passaram para se tornarem efetivos profissionais da TV Roraima e semiotização e dessemiotização da linguagem cultural.

Palavras-chaves: Jornalista migrante. Sotaque. Formação linguística. Semiótica da cultura.

ABSTRACT

This research shows the adaptation and evolution of the migrant and inexperienced journalist on television, with emphasis in the specifics cares with voice and text occasioned by the standardization required by many communications companies. Among the factors analyzed has the migration phenomenon that occasioned a local new reterritorialization and cultural, intellectual and linguistics formation of the professionals. Besides presents the linguistics variation of Brazil and the process of the language construction on television. For this, it focuses the TV Roraima, television broadcaster linked to Globo TV. The research covers an analysis with bases of culture semiotics of the life of the three migrants journalists, including a transition by passed for to became hired professionals of the TV Roraima and the semiotization and dessemiotization of the cultural language.

Keywords: migrant journalist.TV Roraima. Linguistics formation. Standardization. Culture semiotics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 01	Dados dos Resultados Gerais da Amostra da PNAD.....	20
GRÁFICO 01	Percentual de habitantes naturais e não naturais da Unidade de Federação.....	21
TABELA 02	Relação dos antigos profissionais formados no estado de origem.....	34
TABELA 03	Relação dos atuais profissionais formados no estado de origem.....	34
TABELA 04	Quadro total de funcionários do jornalismo da TV Roraima.....	34
GRÁFICO 02	Percentual de jornalistas migrantes e não - migrantes da TV Roraima.....	36
FIGURA 01	Representa o status das empresas de comunicação das TVs abertas em relação a cultura de Roraima.....	43
FIGURA 02	Representa o status das empresas de comunicação das TVs abertas com programas jornalísticos.....	44
FIGURA 03	Representa o status da do jornalista e do jornalista roraimense em relação aos jornalistas da TV Roraima.....	45
FIGURA 04	Representa o status do jornalista migrante em relação à cultura dos jornalistas da TV Roraima, ocasião da semiotização.....	46
FIGURA 05	Representa o status do jornalista migrante em relação à cultura dos jornalistas da TV Roraima, ocasião da dessemiotização.....	47
FIGURA 06	Cultura Aline Padilha.....	48
FIGURA 07	Representa a cultura social dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura Aline Padilha.....	48
FIGURA 08	Representa a cultura material dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura material de Aline Padilha.....	48
FIGURA 09	Representa a cultura mental dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura mental de Aline Padilha.....	48
FIGURA 10	Cultura Rubens Medeiro.....	49

FIGURA 11	Representa a cultura social dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura Rubens Medeiros.....	49
FIGURA 12	Representa a cultura material dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura material Rubens Medeiros.....	49
FIGURA 13	Representa a cultura mental dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura mental de Rubens Medeiros.....	49
FIGURA 14	Cultura social Cristina Brum.....	50
FIGURA 15	Representa a cultura social dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura Cristina Brum.....	50
FIGURA 16	Representa a cultura material dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura material de Cristina Brum.....	50
FIGURA 17	Representa a cultura mental dos jornalistas da TV Roraima em relação a cultura mental de Cristina Brum.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MIGRAÇÃO	16
2.1	MIGRAÇÃO PARA RORAIMA	18
2.2	MIGRAÇÃO DE JORNALISTAS PARA RORAIMA	21
2.2.1	TELEJORNALISMO: A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM	23
2.2.2	O TEXTO NA TV	23
2.2.3	A VOZ NA TV	25
2.3	A INFLUÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO TELEJORNALISMO	29
2.4	SOBRE A TV RORAIMA	31
2.4.1	LINHA EDITORIAL DOS TELEJORNAIS	32
2.4.2	TV RORAIMA COMO PONTO DE RECEPÇÃO MIGRATÓRIO DOS JORNALISTAS	33
3	SEMIÓTICA RUSSA	37
3.1	HISTÓRIA	37
3.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO MÉTODO	39
3.3	A TÉCNICA	41
3.4	APLICAÇÃO DA TÉCNICA	43
4	DOCUMENTÁRIO	51
4.1	PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO	51
4.2	ELEIÇÃO E DESCRIÇÃO DOS OBJETOS	52
4.3	ELEIÇÕES E JUSTIFICATIVAS PARA AS ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM	53
4.4	SUGESTÃO DE ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO	54
5	CONCLUSÃO	58
	REFERÊNCIAS	60
	ANEXOS	62

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz uma discussão e análise sobre a passagem do jornalista migrante na televisão, bem como o processo adaptativo na redação de jornalismo no que diz respeito ao texto e a voz. Para entender a relação entre a bagagem cultural do profissional de TV e ao trabalho realizado na emissora, é necessário discorrer sobre vários fatores que influenciam neste processo.

A pesquisa foi motivada por meio de participação em um colóquio sobre Jornalismo Regional realizado na Universidade Federal de Roraima. Na ocasião, a temática migração de jornalistas para outros mercados de trabalho, fora do estado, foi amplamente discutida. O que implica no diagnóstico dos problemas e dificuldades que rodeiam essa mudança de vida.

Uma vez que a migração em Roraima é perceptível desde a constituição do estado, necessita-se verificar se a linguagem jornalística de muitos profissionais migrantes trouxe influências na construção da notícia na TV ou vice-versa. Este trabalho justifica-se na grande diversidade cultural presente no estado que traz uma nova forma de produzir notícia nas emissoras de televisão.

A proposta da pesquisa traz um conteúdo inédito para Universidade Federal de Roraima. Justifica-se na importância do estudo da narrativa jornalística com a intervenção cultural dos profissionais da comunicação e, em contrapartida, vai contribuir para os novos trabalhos acadêmicos envolvendo a notícia na televisão e suas influências devido a migração de jornalistas.

Dentre as diversas áreas de atuação do jornalista estudadas dentro do curso de comunicação, a televisão foi a escolhida para esta pesquisa, pelo fato de deixar mais visível e perceptível as características textuais, corporais e orais do profissional que trabalha com a imagem. Deste modo, se justifica na apresentação de uma nova leitura crítica da produção jornalística na TV com a ingerência do jornalista migrante.

O Primeiro capítulo, portanto, vai contextualizar os aspectos históricos desde a migração, tanto na sua definição literal, como também a ocorrência desse fenômeno no estado de Roraima e mais especificamente a chegada de profissionais da comunicação na região sob a ótica do sindicato dos jornalistas. Depois, faz-se

uma breve explanação sobre regras telejornalísticas e variações linguísticas até a apresentação do objeto de estudo que é a TV Roraima e seus profissionais.

Para tanto, a migração em Roraima vem desde a época da colonização iniciada no início da década de 60. A formação cultural da população do estado característica da Região Norte se deu por várias influências linguísticas e culturais vindas principalmente dos povos indígenas. O Brasil consolidou a maneira como cada povo se apresenta culturalmente com o passar dos anos e à medida que as regiões se estruturavam.

Assim, com a passagem de portugueses, espanhóis, holandeses, americanos entre outros e mais tarde com a consolidação regional do país dividido atualmente por regiões (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste,) cada grupo social encarnou um 'jeitinho' brasileiro de ser, com linguagem, sotaques, costumes e culturas bem diferenciadas uma da outra. Um processo de transformação que mesmo depois da chegada dos estrangeiros deu continuidade com a migração interna.

Diante desse contexto, o profissional jornalista existente em todas as regiões do país, que, naturalmente, também carrega uma formação sociocultural gerada dentro do convívio familiar passa por adequações dentro de emissoras de televisão, onde ele não possui vínculo ou afinidade. Daí aponta-se o problema desta pesquisa. Isso porque, quando ele chega a outro estado, precisa se enquadrar a linguagem regional do veículo, nos quesitos texto e fala para obter um bom desempenho.

Para entender toda essa dinâmica entre migração e telejornalismo, no primeiro capítulo também é abordado duas principais vertentes dessa área do jornalismo: a escrita e a narração da notícia para TV. Os dois elementos mantêm ligação direta com a variação lingüística escrita e falada (vocabulário) que dependem da condição cultural do jornalista. O trabalho dos fonoaudiólogos na comunicação é igualmente colocado em questão.

Após esta etapa, é apresentado o objeto de estudo da pesquisa. Neste caso, ao usar o método indutivo, das sete emissoras existentes no estado, a pesquisa vai observar e analisar casos concretos da realidade de apenas uma emissora: A TV Roraima da Rede amazônica e afiliada a Rede Globo. O critério de seleção se baseia no fato de ter sido a primeira a se instalar no estado e, portanto, é a emissora mais antiga.

Depois de fazer um breve histórico da criação da emissora no estado e da linha editoria de cada jornal, foi observado o trabalho dos jornalistas na TV Roraima para identificar por meio dos métodos de procedimento, a quantidade de jornalistas migrantes e o estado em que há maior predominância dos mesmos (característica qualitativa). Assim, pretende-se conhecer a identidade cultural de cada um e ter a dimensão do que pode ou não influenciar na construção da notícia local.

Para chegar nesta composição teórica do primeiro capítulo foram consultados livros, artigos e teses. A pesquisa de campo e o levantamento in loco das informações da emissora pesquisada além de entrevistas com os profissionais foram fundamentais para humanizar e dar veracidade aos fatos que compõem o universo da temática do trabalho.

Mais adiante, no segundo capítulo, é descrito o método de análise. O surgimento da Semiótica Russa, suas implicações como ciência e posteriormente como uma prática metodológica para explicar os signos serão alguns pontos citados. Até chegar a técnica, que dispõe de níveis culturais e áreas semiosféricas para aplicação.

Foi necessário um levantamento de registro por meio da coleta de reportagens de arquivo veiculadas na TV Roraima há um ano (período em que a TV Digital começou a ser implantada na emissora). A intenção é tentar identificar casos específicos de influência cultural dentro do exercício da profissão de jornalismo. Três jornalistas foram selecionados para avaliação: Rubens Medeiros (repórter), Cristina Werlang (repórter) e Aline Padilha (apresentadora).

Cristina e Aline são do Rio Grande do Sul e Rubens da Paraíba. Eles foram questionados sobre suas origens, experiência no mercado de comunicação, sobretudo na televisão e adaptação na emissora roraimense. Baseado nas respostas será construído o sistema semiótico que permite o estudo representativo de cada um desses indivíduos, bem como contexto macro, o lugar deles na cultura de Roraima.

Portanto, no método de análise, vamos traçar uma lógica de investigação para descobrir as possíveis influências culturais sofridas ou executadas pelo jornalista migrante durante a construção da notícia no estado. Ou seja, por meio dessa ciência vamos classificar os fenômenos lingüísticos que ocorrem na emissora de televisão,

levando em consideração a cultura social, material e mental da equipe de jornalistas de outros estados, presente na mesma.

Partindo do princípio que os jornalistas locais da emissora são classificados como a cultura central do veículo, os jornalistas migrantes se encaixam na categoria de cultura periférica. É justamente este processo (semiotização e dessemiotização) de convivência e produção de notícias entre os dois profissionais dentro da emissora que será avaliado nesta pesquisa.

No terceiro capítulo, abordamos a produção de um vídeo documentário que representa o universo dos jornalistas migrantes selecionados. Cada um deles conta os desafios e dificuldades para se adequar ao sistema da TV Roraima, sobretudo, o padrão Globo de televisão. Além de mostrar as alternativas para melhorar e aperfeiçoar o trabalho como, por exemplo, a ajuda dos fonoaudiólogos.

2 MIGRAÇÃO

Em busca de novas perspectivas de vida, muitos brasileiros se deslocam dos seus estados de origem. Para Maria França Sipriano (2002), os estímulos que determinam a migração estão relacionados nas condições das áreas de residência e nos atrativos, reais ou imaginários, dos locais de chegada.

Os deslocamentos contemporâneos introduzem mudanças tanto em nossas instituições, durante muito consideradas referentes estáveis, como nas construções identitárias e no imaginário social. Os movimentos migratórios sugerem coisas novas, veiculam novos conteúdos e novas formas de agir. Eles questionam também as normas sociais, as racionalidades políticas e, finalmente, *a ordem instituída das identidades* (RODRIGUES, 2008, pág. 22).

De acordo com o Instituto de Migrações e Direitos Humanos *apud* Siomara Cavalcante (2008, p 40), “a migração significa movimento de pessoas, grupos ou povos de um lugar para outro. Desde os países em desenvolvimento, até os desenvolvidos a preocupação com as migrações tem se tornado crescente sejam elas nacionais ou internacionais”. E este movimento ocorre devido a vários aspectos como: crises econômicas, pobreza e desastres naturais.

A luta pela sobrevivência física e mental move as pessoas para diferentes lugares em busca de atender novos anseios e expectativas. Quando um local não oferece boas condições para viver, com problemas na estrutura organizacional, política e econômica ou mesmo os fenômenos da natureza, além de não oferecer oportunidades de crescimento pessoal e profissional é praticamente inevitável a mudança de localidade.

Para Salim (1992, p.122) *apud* Vale (2006), a migração é complexa, fundamentalmente social, com determinações diversas; “apresenta interações particulares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta que tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas, para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam”.

A partir da migração, muitas cidades se desenvolvem geográfica e culturalmente, uma vez que recebem pessoas de diferentes regiões com uma formação identitária específica. Quando se estabelecem se relacionam entre si,

trocam experiências e conhecimentos e por conseqüência mudam, transformam o ambiente.

O fenômeno da migração relacionada às condições históricas das mudanças (social, econômica, estrutural etc.), afirma Salim (1992), constitui importante mecanismo de reprodução ou alteração numérica da sociedade. Podem-se medir ou refletir processos que se refletem indiretamente sobre outros processos demográficos ou, diretamente, sobre as relações de classes que determinam a formação e a composição do mercado de trabalho de um território (VALE, 2006).

Ainda segundo Vale (2001), esta atração também pode ter influência com o processo de desenvolvimento nacional e, na migração interna as causas são quase sempre de cunho econômico. Portanto, a possibilidade de se tornar bem sucedido no mercado de trabalho é uma das principais questões a ser ponderada na decisão de buscar novos horizontes.

Ser migrante possibilita ao sujeito circular entre as várias identidades e implica a manutenção de uma identidade em trânsito, em aberto, inconstante. Esse trânsito é resultado de complexos processos de negociação da realidade com outros sujeitos e indivíduos coletivos. Em decorrência desta complexidade, o intercâmbio material e simbólico entre sujeitos sociais de culturas diferentes surge vários aspectos no processo de construção de identidades possibilitando também a redefinição de papéis sociais de homens e mulheres, a reorganização familiar e própria identidade de gênero (RODRIGUES, 2008, pág. 23).

Como resultado da constituição dos migrantes em determinada região, as relações coletivas ganham novas definições de identidade. Segundo Lucena (2008, p.) “a contemporaneidade, a globalização e a desigualdade trazem mudanças de contexto e contato com novas realidades, os quais são fatores preponderantes para o início de um novo ciclo de formação de representações sociais”.

Para Stuart Hall (2006) uma mudança estrutural está transformando as sociedades contemporâneas no final do século XX. O que pode ser observado nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antigamente forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais.

Ainda de acordo com autor (2006, p.09) o que acarreta mudanças nas identidades pessoais, na perda de um “sentido de si”, algumas vezes, é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito. “Esse duplo deslocamento- descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma crise de ‘identidade’ para o indivíduo”.

2.2 MIGRAÇÃO PARA RORAIMA

A Amazônia chamou a atenção de muitas pessoas de outros estados que vieram para região justamente em busca de melhores oportunidades, uma vez que em seus lugares de origem era difícil. Dentre o perfil desses migrantes estão os pequenos e médios agricultores, trabalhadores urbanos, empresários, profissionais especializados, indígenas ou simples aventureiros, que de acordo com Souza (2009) contribuíram para organização e mudanças do espaço e da realidade amazônica.

No caso de Roraima, esse fenômeno ocorre há muito tempo e os migrantes vêm de todas as partes do Brasil, bem como outras áreas da Amazônia. Porém, os nordestinos se destacam pelo maior número de migrantes.

No início do século XX a predominância era de cearenses, e atualmente se verifica a presença expressiva de maranhenses. “É importante destacar também que, ao longo do século XX, Roraima recebeu muitos migrantes intra-regionais, ou seja, aqueles originários ou provenientes dos vários estados amazônicos, sendo possível destacar os vindos do Amazonas e do Pará...” (SOUZA 2009, p. 40)

Para Vale (2007, p. 17) dentre os estados da Amazônia, Roraima começou a ser colonizada muito tarde. A justificativa está no fato do estado estar localizado no extremo norte do país, com características peculiares, e também pela dificuldade de acesso. A partir dos anos de 1980, o crescimento populacional se torna visível, no qual é perceptível uma forte presença de nordestinos e nortistas em geral na área urbana de Boa Vista.

Paranaenses, gaúchos, catarinenses, paulistas, mineiros, capixabas, goianos, mato-grossenses e nordestinos migraram para a Região em busca de qualidade de vida e oportunidades de trabalho. Muitos oriundos de estados mais desenvolvidos do Sudeste e do Sul, sobretudo, em centros e zonas rurais com populações empobrecidas pela substituição do regime de colonato do café pela grande lavoura mecanizada da soja e do trigo, no período dos anos de 1970 aos anos de 1990, que ocasionou o surgimento de um grande número de trabalhadores volantes e bóias-frias (VALE, 2007, p. 25).

Apesar disso, lideram o ranking de migração, pois reconheceram no estado um potencial econômico nos anos de 1990, enquanto a Região Nordeste não se desenvolvia e permanecia vulnerável ao fenômeno climático. A deficiência de uma

política de desenvolvimento, pois a maioria da população do semi-árido habitava pequenas glebas com processos produtivos na agricultura e na pecuária, com poucas inovações também exerceram influência na decisão de migrar.

O olhar de progresso aliado a vontade de melhorar o padrão de vida foi o que motivou a saída de muitos nordestinos das cidades natal. Conforme Vale (2007, p. 25), “nessas condições, a capacidade de produzir excedente ou de estabelecer alternativas de ocupação e renda se reduz e se completa num ciclo de migração, e aumento progressivo da concentração da propriedade e fracionamento da pequena unidade familiar”.

Souza (2009, p. 40) classifica os atrativos da migração em dois elementos históricos da ocupação de Roraima: um deles é a facilidade de acesso a terra, garantida por projetos e programas de colonização e assentamento e a outra se deve a ocorrência de garimpos. Deve-se ainda levar em consideração que a abertura dos grandes eixos rodoviários foi um grande concorrente para elevar as taxas de crescimento demográfico no estado.

Através das novas estradas federais (BR174, BR210 e BR401) e estaduais ocorreu um movimento incessante de pessoas, consolidando, a exemplo do restante da Amazônia, concentrado ao longo das estradas (BECKER, 2006). Muitos desses migrantes se alojaram no entorno das rodovias, gerando uma série de ocupações ilegais na área rural, outros tantos rumaram para as cidades, principalmente para Boa Vista. Nota-se que esse crescimento populacional não se distribuiu de maneira homogênea pelo território estadual, mantendo, portanto, a histórica concentração demográfica na capital (SOUZA (2009), p. 40).

O resultado da presença desses nordestinos em Boa Vista, especificamente, se reflete na formação de novos territórios e novas formas de compreensão do uso e do processo de domínio da região. No qual sucede com uma troca de valores culturais entre a população migrante e a população local, um fenômeno classificado por (VALE, 2007, p. 24) como reterritorialização do homem nordestino no espaço urbano de Boa Vista, que sofre forte influência do migrante.

A partir daí, a identidade do povo começa a se desenvolver e novas características são moldadas a fim de construir uma representação cultural próprias. “Assim, os hábitos, costumes e estilos de vida, moldados na Amazônia Nordestina, estão passando por um grande processo cultural de adaptação, mudança e transformação, com a chegada de migrantes” (VALE, 2007, p. 27).

Na tabela abaixo¹, conforme Pesquisa por Amostragem de Domicílios (Pnad) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do censo de 2010 é possível verificar a variação de pessoas de diferentes naturalidades. O gráfico 1, aponta que em Boa Vista, do número total de habitantes mais de 40% não é de origem do estado. É observado ainda que do total de moradores em todo o estado 38,51% não são naturais da unidade da federação.

Tabela 1 - População residente, por naturalidade em relação ao município e à unidade da federação - Resultados Gerais da Amostra.			
Ano = 2010			
Unidade da Federação e Município	Naturalidade em relação ao município e à unidade da federação	Variável	
		População residente (Pessoas)	População residente (Percentual)
Roraima	Total	450.479	100,00
	Naturais do município	244.524	54,28
	Não naturais do município	205.955	45,72
	Naturais da unidade da federação	277.011	61,49
	Não naturais da unidade da federação	173.468	38,51
Boa Vista - RR	Total	284.313	100,00
	Naturais do município	154.028	54,18
	Não naturais do município	130.285	45,82
	Naturais da unidade da federação	165.808	58,32
	Não naturais da unidade da federação	118.505	41,68

Tabela 1. Dados dos Resultados Gerais da Amostra da PNAD.

¹ Destaca-se que a tabela completa encontra-se em anexo.

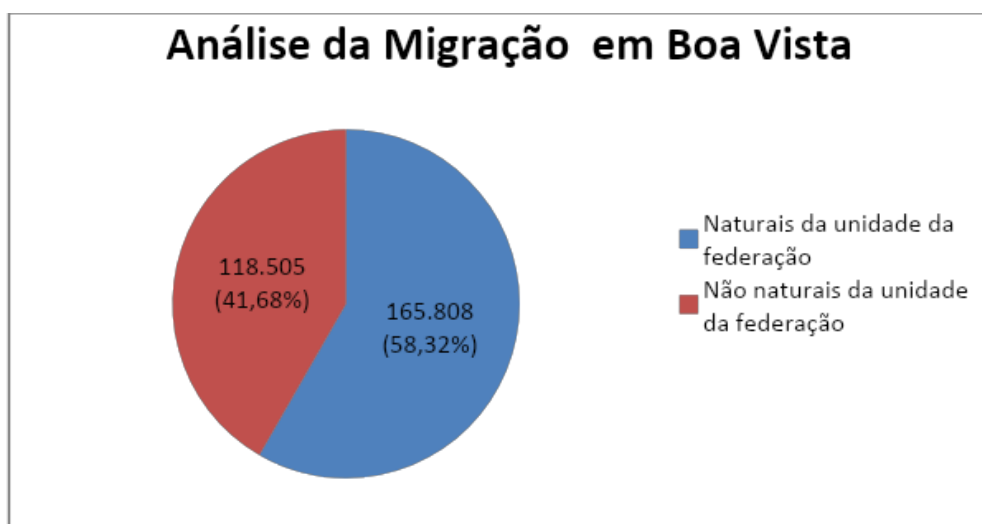


Gráfico 1. Percentual de habitantes naturais e não naturais da Unidade de Federação.

2.2 MIGRAÇÃO DE JORNALISTAS PARA RORAIMA

Segundo o presidente do sindicato dos jornalistas, Gilvan Costa, o período de maior migração de jornalistas para o estado ocorreu na década de 1990. Ele acredita que a abertura do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Roraima e o fato da transição de Território para Estado pode ter aberto novas perspectivas de mercado de trabalho.

Apesar de não existir pesquisa ou dados concretos dessa realidade no sindicato, o presidente², que é natural do Ceará e morador de Boa Vista desde 1993, também destacou que grande parte dos profissionais que chegou aqui naquela época era nordestinos, em sua maioria, paraibanos e cearenses. Gaúchos, paulistas e cariocas migraram em menor número, e também profissionais que já atuavam no vizinho estado do Amazonas.

Costa, que integra o Sindicato desde 2001, observa que a questão da adaptação desses migrantes no estado foi fácil. De acordo com ele, fatores como o clima da região e os salários melhores contribuíram para que tais profissionais permanecessem na cidade. Conforme o jornalista, a principal reclamação relatada

² O Sindicato dos Jornalistas em Roraima não apresenta dados estatísticos oficiais sobre a quantidade de jornalistas migrantes, visto que muitos profissionais não se cadastram no órgão, o que dificulta uma análise profunda da situação migratória. Com base no exposto, foram colhidos relatos do entrevistado para embasamento desta pesquisa.

pelos profissionais migrantes era sempre a distância da família, uma vez que a maioria veio para Roraima sozinho.

O jornalista Rubens Medeiros, 23 anos, é paraibano e está em Roraima há pouco mais de um ano. Ele contou que a principal motivação que o levou a sair do seu estado de origem foi a vontade de conseguir melhores oportunidades de trabalho. Além de receber indicações de que o extremo norte do país poderia oferecer essa chance.

Medeiros também enfatizou que a cidade em que nasceu, Pombal, não proporcionava trabalhos em outras funções da televisão, o que contribuiu para que ele buscasse novas experiências em outro lugar. Conforme explica em entrevista³ concedida para esta pesquisa: “Eu já tinha trabalhado muito tempo na produção e como o meu sonho era ser repórter e lá não tinha vaga eu achei que era a hora de galgar novos horizontes”.

Ao chegar a Roraima, ele deixou o currículo em algumas emissoras de televisão e em poucos dias foi chamado para trabalhar na TV Roraima da Rede Amazônica, afiliada a Rede Globo. Na emissora, executa o papel de repórter, faz coberturas ao vivo e algumas vezes também apresenta os jornais.

A abertura do mercado de trabalho roraimense também chamou a atenção da paraibana Ayslane Dantas⁴, atualmente gerente de jornalismo da TV Roraima. No estado desde 1998, ela encontrou a satisfação em crescer na profissão e ganhar melhores salários, o que em Patos, cidade onde nasceu, não seria possível.

Ela considera o mercado profissional de jornalismo no Nordeste muito fechado, em que a indicação de pessoas influentes é o ponto forte, além de que os salários não compensavam. Como tinha referências de que a região norte era um bom lugar para se desenvolver aliou esta informação com a vontade de conseguir um emprego fixo na área de formação.

Apesar de só ter tido experiências com assessoria, jornais e revistas durante a faculdade, em Boa Vista, a profissional começou a atuar em televisão como produtora. A rotina nesta função jornalística e a participação em cursos e em congressos lhe renderam experiência e reconhecimento. Com isto, após alguns anos, ela passou por outras funções na emissora, até chegar, recentemente, a

³ Entrevista gravada em 10 de fevereiro de 2012.

⁴ Entrevista gravada em 10 de fevereiro de 2012.

gerência de jornalismo. A partir disto, integralizou-se ao dia a dia da capital de Roraima, constituindo família e amigos, fatores que contribuíram para a permanência da entrevistada no estado.

2.2.1 TELEJORNALISMO: A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM

2.2.2 O TEXTO NA TV

Uma vez que dentre as áreas de atuação do jornalista, a televisão deixa bem mais visível na imagem e no texto as características culturais (postura, linguagem, sotaque, trejeitos) do profissional, as mudanças na construção da notícia são contundentes. Para alguns autores, como Paternostro (1999), o texto na TV é diferenciado, simples, curto e menos formal e conta com o apoio das imagens para ilustrar melhor a notícia.

Sem descrições redundantes, com informações fundamentais, simples e direto, o texto vai naturalmente se casar com a imagem. Na prática do trabalho com a imagem, a sensibilidade também se desenvolve. Juntar imagem, emoção e informação é uma boa saída para transmitir a notícia com a qualidade ideal. E assim, cada um que escreve para a TV, deve ainda encontrar um estilo próprio, pessoal e intransferível, de forma a se destacar do estilo padronizado que encontramos na televisão brasileira.(PATERNOSTRO, 1999, pág. 73).

Para tanto, dentro de uma realidade social, o texto na televisão também deve ter certa aproximação com a linguagem cultural da comunidade local. Roland Barthes (2008, p.19) defende que “todos os grupos humanos têm suas narrativas, e freqüentemente elas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas”.

No telejornalismo, a palavra dá apoio à imagem. O texto deve manter uma boa relação com a imagem para não gerar conflitos. Elas se completam, casam. Um dos erros muito comuns segundo Campos (2003, p. 07) é a repetição do texto que não fala sobre as imagens e na verdade descreve como se o telespectador não tivesse assistindo a notícia. Segundo a autora, “nesses casos desperdiçam-se enormes recursos para fazer jornal falado ou rádio na TV. Fica monótono, chato, cansativo. Não vale a pena”.

Como destaca Maciel (1995, p. 31) em:

A televisão é um dos veículos de comunicação mais eficientes porque lida basicamente com a linguagem oral, usada no dia a dia e alia a essa característica a imagem da modernidade e eficiência tecnológica. E, por ser um veículo intimista, exige uma linguagem conversada, coloquial. O que significa a utilização de uma linguagem simples direta, objetiva, com a maior clareza possível. (...) Esse coloquialismo, no entanto, não pode nos fazer esquecer que o telejornalismo exige pique, velocidade e raciocínio rápido. O ideal no caso da linguagem de televisão é que cada frase escrita contenha uma idéia.

A boa reportagem também leva em consideração o desempenho do jornalista. Ele é responsável por transmitir emoção, dar vida a matéria além de informar ao receptor os motivos e circunstâncias pelo qual determinado fato ocorreu. Enfim, é necessário que o texto identifique os elementos fundamentais da notícia deixando que a imagem cumpra seu importante papel na tela.

No telejornalismo adotaram-se algumas técnicas de redação que ajudam a melhorar a compreensão do público. São regras básicas como escrever da maneira que se fala, evitar clichês e saber diferenciar a linguagem coloquial das gírias sem descuidar da qualidade. É a arte de contar histórias com certo conhecimento técnico aliado a sensibilidade em redigir um texto com detalhes, palavras que mantêm relação com as pessoas.

Esta coloquialidade apresentada pelas produções telejornalísticas objetivam, na maior parte das vezes, uma aproximação da informação com o leitor, visando a dar maior visibilidade e credibilidade ao meio de comunicação. Como explica Paternostro, o texto jornalístico em televisão deve ser escrito para ser falado, levando em conta as especificidades da comunicação interpessoal, entre elas as características para-lingüísticas do discurso (...). Através desta linguagem coloquial ocorre uma simulação da estrutura conversacional do discurso (LOPEZ E DITTRICH, 2003, p. 09).

A construção da notícia na televisão e a aproximação dela com o público, segundo Simone Martins (2009, p.05) dependem de uma “linguagem coloquial, da seleção e edição de imagens presentes no nosso cotidiano ou ainda pelos programas retratarem a realidade de uma forma que mimetiza nossas vivências que temos um contato mais aprofundado, uma identificação, com a TV”.

A experiência do jornalista na televisão e a relação dele com a cidade e as pessoas onde vive contribuem para execução de um texto rico de conhecimento das especificidades locais. Por isso, de acordo com Pedro Maciel (1995, p. 31) a

compreensão exata da informação “será alcançada com mais facilidade se ele utilizar palavras conhecidas e curtas, verbos fortes e afirmativos”.

O estudo das relações entre indivíduos sociedade e meios de comunicação denota uma realidade construída por meio da cultura. Como descreve Correia (2002) apud Simone Martins (2009, p.02): “o papel da linguagem utilizada pelos media está em destaque porque deixa de ser instrumento para se transformar em elemento estruturante das relações sociais, destacando que a linguagem utilizada pelos veículos de comunicação apareça sempre associada ao senso comum”.

Debora Cristina Lopez (2004) destaca que:

Um produtor de televisão precisa conhecer muito bem diversas linguagens para atuar neste meio. Isso porque a televisão trabalha com três linguagens diferentes: a visual, a textual escrita e a oral. Em televisão, principalmente no telejornalismo, a oralidade funciona como mediadora na transmissão de uma informação pela cultura escrita através de um meio de comunicação eletrônico. Os textos de uma reportagem apresentados pelo repórter sofrem grave influência da simulação da oralidade no telejornalismo brasileiro.

O conhecimento e a afinidade do jornalista com o assunto abordado na notícia vão trazer mais credibilidade ao leitor que, ao assistir a notícia se sentirá mais próximo da realidade apresentada na televisão. E por isso a preocupação dos jornalistas migrantes nesse processo de adaptação da linguagem televisiva associada às particularidades da comunidade.

2.2.3 A VOZ NA TV

Assim como o texto na televisão em que há uma preocupação com a maneira como tal notícia será construída e compreendida pelo público, a fala também é um importante elemento a ser avaliado neste processo de desenvolvimento do telejornalismo. Isso porque a voz, a fala traz consigo um alto grau de diversidade e de variabilidade cultural de linguagem presente em cada região do país.

Zágari (1998:32,33) apud Mendes (2006, pág 13) considera as maneiras como cada um fala como “realizações lingüísticas de agrupamentos humanos que

podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma que outra definida escolha de um item lexical”.

Pensando no uso da voz, da língua como um artifício profissional, algumas adequações na maneira de expressão se tornam necessárias. Segundo Romaine (1994) apud Mendes (2006 p.38), “o processo de padronização das línguas está relacionado a fatores nacionais, literatura e identidades culturais e étnicas. No qual seleciona e fixa uma norma uniforme de uso, ou seja, aquela que está presente nos dicionários, nas gramáticas e a que é ensinada”.

Para se comunicar, o homem faz uso de recursos verbais e não-verbais conjuntamente, transmitindo mensagens através dos gestos, da postura, da expressão fisionômica, da aparência física e da modulação da voz. A voz é um meio de comunicação extremamente rico e sutil. Pela voz, veicula-se a informação lingüística referencial e também outras informações menos evidentes num primeiro momento. A voz tem um papel de representação do indivíduo (COSTA, 2002, p. 12).

E como muitos já devem ter percebido a forma de falar cotidiana de alguns repórteres é diferente na hora que se está exercendo a função diante de uma câmera de TV. Ana Lúcia Medeiros (2006, p.25) constata que ‘ percebe-se a construção de uma fala padrão que não é de nenhum estado do país, especificamente ’. Esta percepção começou no jornalismo da Rede Globo.

Ainda conforme a obra de Medeiros (2006, p.21), que faz uma ampla discussão sobre a fala na televisão, a autora entrevista vários profissionais da comunicação como o jornalista Mário Lago. Para ele “a televisão tem uma fala neutra. O país tem mil prosódias. Há muitas peculiaridades nos sotaques das regiões e, muitas vezes, para sobreviver, o profissional tem de mudar a forma de falar regional. ”

Pedro Maciel (1995) já dizia também, que o concorrente a apresentador ou a repórter de televisão precisa ter uma voz e uma dicção apropriada. O que significa ter uma sonoridade clara e um timbre agradável, o que importa é a modulação que se dá a leitura e o tom coloquial das palavras e não a potência da voz.

A fala, por sua vez, implica interação face a face, uso de recursos anafóricos, interrupção de frases, variações entonacionais, elementos extralingüísticos, como a gesticulação etc. Sendo assim, o que mais caracteriza a fala é o imediato, ela é concebida para ser imediatamente recebida, nesse sentido, ela é menos planejada que a escrita e mais

coloquial. A linguagem do telejornalismo é, portanto, híbrida, pois pretende ser coloquial como a fala, mas precisa e clara como a escrita (MENDES, 2006, p. 20).

Medeiros (2006, p. 75) apud Ramos (2010) constata que ao se submeter ao padrão estético da televisão brasileira no quesito fala, “o profissional de TV (seja ator de novela, apresentador ou repórter de telejornal) tem de se enquadrar em determinados critérios, para garantir a qualidade do trabalho que executa”.

São milhões de telespectadores atentos a notícia. Por isso o cuidado extremo com a comunicação oral do telejornalista. O entendimento fácil, objetivo e claro da notícia, depende dos gestos, expressão facial, qualidade vocal, linguagem coloquial. E as informações devem estar relacionadas ao verdadeiro interesse do telespectador. Segundo Sales (1997,p.14) “com estes parâmetros de comunicação o telespectador será envolvido emocionalmente pela intimidade da comunicação ao receber a notícia com exclusividade”.

E na busca por um trabalho de qualidade e que atenda aos critérios e padrões de voz e texto, o profissional do telejornalismo se depara com a questão da identidade que entra em confronto direto com duas referências: a identidade regional e a identidade profissional.

No final da década de 80, houve grande mudança no formato dos telejornais, e aquele padrão mais estereotipado de apresentador, com voz impostada e certo distanciamento, foi sendo substituído pela necessidade de um profissional que utilizasse a comunicação de maneira natural, aproximando-se do público e marcando um estilo próprio de atuação. Passou-se a valorizar mais a característica pessoal do profissional, e com isso houve a exigência de que, além de tudo, o apresentador e o repórter fossem bons comunicadores (KIRILLOS E COTES, 2007, p. 02).

Em busca da qualidade dos jornais muitas emissoras investiram no trabalho dos fonoaudiólogos. A idéia era diminuir e corrigir eventuais problemas de voz e dicção dos profissionais. Segundo Pedro Maciel (1995), os profissionais da voz ensinam aos apresentadores, repórteres técnicas de controle fono-respiratório, articulação correta das palavras e de entonação perfeita dos sons.

Cada vez mais o profissional da comunicação necessita passar no seu discurso credibilidade, empatia e segurança. Para isso o jornalista precisa ter a capacidade de atuar e utilizar a sua comunicação oral como um instrumento de trabalho. Para ser um bom comunicador este profissional deve, além de ter outras habilidades, usar com competência a sua voz, sua fala e seu corpo.

O fonoaudiólogo, nestes casos, vai trabalhar a habilidade da comunicação através de técnicas específicas que visam o destaque de palavras, a valorização da voz e a transmissão efetiva da mensagem (Frederico, Maria. E., 1982; Maciel, P., 1985; Filho, C.M., 1988).

Na Rede Globo, a responsável pelo tratamento da voz no telejornalismo, foi a fonoaudióloga Glória Beuttenmuller, que fazia um trabalho de padronização da fala de repórteres e apresentadores desde 1974. A idéia era suavizar os sotaques regionais. Mendes (2006) destaca que o padrão nacional foi definido em um congresso em Salvador, no qual a pronúncia do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro.

Em entrevista a Revista da Comunicação (1998), Glória comentou que quem trabalha na TV precisa ter em mente que cada locutor tem uma técnica e postura próprias. No caso do repórter, a narração deve ser mais quente e emocionante. Já o locutor deve conservar certa distância. Os entrevistadores podem ser coloquiais e a dicção desprovida de qualquer artifício.

Durante os 18 anos que estive na Globo, eu nunca desaprovei o regionalismo. E suavizei o jornalismo. Suavizar para não ficar berrante, nem motivo de chacota: o sulista fazendo pouco caso do nordestino; e nordestino fazendo pouco caso do sulista. Só que muitos nordestinos tem vontade de imitar o falar carioca. Isso não está correto, porque o falar carioca tem de ser também suavizado. Os SS não devem ser chiantes e sim sibilantes e os rr dorsoveladores. Isso tudo te que ter um aprendizado (MEDEIROS, 2006).

Ela acrescenta ainda, que o sotaque não foi anulado e sim, suavizado. Esse padrão de voz se faz necessário e importante, mas o comunicador deve ter ouvido fonético. O que significa ter cuidado com as palavras, emoções e linguagem. Beuttenmuller (2006) apud Medeiros (2006, p.26), justifica que a insistência em suavizar as pronúncias é por considerar que um país grande como o Brasil tem que ter uniformidade e “um certo abraço amigo, uma comunhão amiga entre todos eles”.

De acordo com a professora efetiva do curso de comunicação da Universidade Federal de Roraima e também ex-repórter da TV Roraima, Antônia Costa, que o Brasil é caracterizado por sua miscigenação cultural. Desta maneira, o país apresenta sotaques e vocabulários diferentes, porém o profissional e a emissora precisam estar atentos a esta questão. Segundo a docente, investir nas

sessões de fonoaudiólogos é uma boa alternativa. A entrevista⁵ destacou ainda que a Rede Globo tem essa preocupação e as suas filiais seguem o padrão.

Eu tive o privilégio de ir com outros colegas da TV Roraima a sessões de fono e isso ajuda muito, até porque a Globo tem o interesse de padronizar a sua linguagem; o profissional poderá atuar em qualquer região, sobretudo quando tem a possibilidade de entrar em Rede Nacional; mesmo assim, o respeito pela regionalização é de suma importância. Texto e tonalidade de voz regional parecem que aproximam mais o telespectador da notícia. Ao chegar aqui no Sul tive a surpresa de verificar como os jornalistas globais daqui são treinados para serem padrões. Tem um apresentador do Esporte aqui que você jura que é a voz do Léo Batista e um outro que você pensa que é Willian Bonner, meu Deus! Mas ainda defendo a originalidade num esforço de ser entendido, naturalmente, nada artificial.

Teodoro, G. (1980) e Beutenmuller, (1981) apud Sales 1997 destaca que o bom locutor deve empregar sutileza na veiculação na notícia com tom de voz e jogo fisionômico próprios. A voz grave, pausada é a exigência para o narrador. No repórter a transmissão da notícia por meio da voz deve ter emoção, solidarismo. Além de mais amplas posturas, tanto corporais como vocais. O ritmo da narrativa vai depender dos acontecimentos.

2.3 A INFLUÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO TELEJORNALISMO

No Brasil existem várias identidades lingüísticas. Habitantes de uma mesma nação têm a fala diferente uns dos outros. A disseminação das informações na mídia eletrônica deu visibilidade ao fato. Lopez e Dittrichi (2003 p.03) afirmam que “é possível visualizar grupos lingüísticos distintos e bem definidos em diferentes pontos do país. Os sotaques no Brasil são quase dialetos. Em muitos momentos, impedem ou prejudicam a compreensão da informação repassada.

Quando se trata de lingüística a variação, a adaptação e interação são constantes na vida das pessoas. Isso porque a língua se transforma a cada dia, em estado de desenvolvimento. Lopez e Dittrichi (2003, p. 04) observam que a comunicação contribui para o processo de criação de uma identidade lingüística aos

⁵ Entrevista concedida por correio eletrônico em 05 de junho de 2012. Destaca-se que este artifício foi utilizado, pelo fato de a docente estar afastada das suas funções na Universidade, por conta do Doutorado em Comunicação.

sujeitos. No telejornalismo, o regionalismo é desvinculado numa tentativa de descaracterizar a realidade regional, somando-a com produções e sotaques nacionais.

(...) Quando ouvimos um carioca típico, podemos entender tudo o que ele fala. É verdade que pode haver problemas quando estamos conversando com pessoas de regiões de cultura muito diferente da nossa, principalmente no que diz respeito ao léxico, ou o vocabulário que as pessoas de uma dada região usam. Pode ser que o falante não saiba que “jerimum”, palavra muito usada na Bahia, corresponde a “abóbora”, termo muito mais comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país. É, contudo inegável que, ainda que haja tais diferenças lexicais nas diversas regiões do país, falamos a mesma língua (BELINE, 2007, p. 121-122).

Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes seja conforme o lugar (variação diatópica), conforme a situação formal ou informal em que se está falando (variação diafásica) ou conforme o nível social do falante (variação diastrática). No telejornalismo, destacamos a variação diatópica no nível fonético falado no Brasil. No qual, palavras e pronúncias são diferentes em cada região, mas veiculam o mesmo sentido.

Sabe-se que o Brasil, dada a sua grande extensão territorial, possui inúmeras variações lingüísticas, sendo as que nos interessam as diatópicas, ou seja, as variações que se dão no espaço geográfico. Sabe-se que a língua portuguesa se apresenta viva nas variedades: brasileira (PB) e européia (PE). De acordo com Zágari (1998), cada uma dessas variedades é dividida em unidades menores, ocupando zonas geográficas mais ou menos definidas, partilhando de um conjunto de traços e regras que não se diferem substancialmente. (MENDES, 2006, p. 13).

Levando em consideração a migração de jornalistas pelo Brasil e o vocabulário lingüístico rico de cada um, a adaptação do texto e da fala à cultura local se torna necessária e importante para identificação do receptor com a mensagem. Por isso, optam por trabalhar o sotaque do migrante a fim de deixar a narração neutra e o conteúdo da reportagem mais perceptível.

Muitas vezes, a busca pela eliminação das características regionais na produção telejornalística não é integral, já que o contexto do interlocutor é mantido regionalizado. Mesmo que haja uma alteração do contexto lingüístico do discurso, visando a interferir na compreensão do receptor, há um choque de valores e características no que diz respeito à construção da informação e sua conseqüente compreensão (LOPEZ E DITTRICHI, 2003, p. 06).

Para Alsina (1996), os meios de comunicação de massa se transformaram num dos principais instrumentos de construção social da realidade. E no jornalismo a realidade é formatada em narrativa e depois passa a ser realidade pública. Para o autor Trevisan (2006, p. 13), “sempre há uma leitura, uma interpretação da realidade de acordo com uma enciclopédia. Nesse sentido, a notícia seria uma representação social da realidade, articulada dentro de uma instituição, a imprensa”.

2.4 SOBRE A TV RORAIMA

Segundo informações da atual gerente de jornalismo, Ayslane Dantas, a TV Roraima foi fundada no dia 29 de janeiro de 1975 pelo jornalista Phelippe Daou. No comando da direção da emissora estava o jornalista Laucides Oliveira. A programação era exibida em cores, com exceção do noticiário local, que era em preto e branco por meio do canal 2. Posteriormente, é transferida para o canal 4, retransmitindo a programação da Rede Bandeirantes.

Ainda segundo a entrevistada, a emissora foi a primeira do país a utilizar o vídeo cassete, recém-lançado nos Estados Unidos. Porém, a programação era gravada em Manaus e enviada para Boa Vista em malotes. Na época, não era possível gerar e captar imagens via satélite. Com a instalação da Embratel em 1975 os grandes malotes, que levavam dias para chegar a Boa Vista, foram abandonados.

Conforme informações cedidas pela gerência de jornalismo, cerca de um ano depois da criação, em 1976, o telejornalismo local foi ampliado. Além da Bandeirantes, a Rede Amazônica firmou contrato para a retransmissão da Rede Globo em Roraima. A partir de 1982, a TV Roraima deixa de retransmitir as duas redes e passa a exibir com exclusividade toda a programação da Rede Globo.

No início, o espaço para programação local era de 15 minutos. Mas em 1985 ele é ampliado e foi crescendo gradativamente. Atualmente, a emissora dispõe de mais de duas horas, sendo que dois terços deste espaço são ocupados pela Rede Amazônica para a veiculação de notícias regionais. Em 1986, toda a Rede Amazônica (as TVs Amazonas, Acre, Amapá e Rondônia) se tornou afiliada à Rede Globo.

A entrevistada destaca que a TV Roraima foi a primeira emissora a expandir o sinal da Rede Globo nos 15 municípios do estado. A montagem das torres teve início em 1995. Quase dez anos depois desse trabalho, em 2004 teve início o processo de retransmissão do sinal local para os municípios. Os primeiros atendidos foram Mucajaí seguido de Iracema e Cantá.

A TV Roraima é a primeira emissora do estado a disponibilizar o sistema digital. A transmissão digital é gratuita, mas só vai ser possível com a aquisição de um conversor digital, chamado de set-top box ou com o uso dos novos televisores com conversores automáticos.

2.4.1 LINHA EDITORIAL DOS TELEJORNAIS

Atualmente, a emissora⁶ conta com cinco programas locais: Bom Dia Amazônia (BDA), Amazônia TV (AMTV), Globo esporte, Jornal de Roraima (JRR) e Jornal 24 horas. Todos eles possuem uma linha editorial diferenciada de acordo com o horário de exibição e o público telespectador.

O Bom Dia Amazônia (BDA), por exemplo, exibido a partir das 07h30, de segunda a sexta-feira, tem como telespectador, principalmente, pessoas com mais de sessenta anos, políticos, agricultores e empresários. O perfil do público está baseado na pesquisa de audiência do setor comercial da emissora⁷.

Com base nestas informações, as reportagens veiculadas especificamente neste jornal são voltadas, na maioria das vezes, para o setor rural, questões sociais envolvendo a qualidade de vida dos idosos, empreendedorismo e contexto político e econômico da região amazônica. Além disso, são exibidas notícias de algumas cidades que integram o norte do país.

Segundo a jornalista, o Amazônia TV (AMTV) também tem uma característica diferente. O jornal vai ao ar de segunda a sábado, às 12h05. Habitualmente as notícias veiculadas são de cunho social, cultural, artístico e comunitário. Tem um conteúdo mais leve e interativo, no qual a população participa diariamente com denúncias e reclamações de alguns serviços públicos da cidade.

⁶ Entrevista feita com a Editora geral de jornalismo Iara Bednartzuk em março de 2012.

⁷ Tabela sobre a programação e pesquisa de audiência efetuada pela emissora consta em anexo.

Neste caso, observa-se um público mais jovem e formador de opiniões. O horário de exibição também atinge uma boa parte da camada social formada por estudantes, donas de casa, trabalhadores em geral, pois é o momento em que muitas famílias dão uma pausa na rotina de atividades para almoçar e se informar sobre os acontecimentos da cidade.

A editora explica também que, já o Globo Esporte veiculado logo após o AMTV, traz uma roupagem diferente, menos formal, voltada para um público específico: os admiradores do esporte local e regional. As matérias mostram o desempenho e até as dificuldades dos atletas em busca de classificações nas diversas modalidades esportivas oferecidas na capital.

Considerado o principal telejornal da emissora, o Jornal de Roraima alcança praticamente todo o público roraimense. É no horário das 19h30 que grande parte da população já se encontra em casa e a televisão como um meio de entretenimento e informação se torna o grande foco nesse momento. As notícias são de grande interesse social e mostram os principais acontecimentos e fatos do dia. E por fim, o Jornal 24 horas traz flashes informativos rápidos durante a programação da globo sobre diversos assuntos de interesse público.

2.4.2 TV RORAIMA COMO PONTO DE RECEPÇÃO MIGRATÓRIA DOS JORNALISTAS

Grande parte dos profissionais que passou pela emissora ou que atualmente exerce atividade tem formação acadêmica. Um detalhe que chama a atenção é que nos anos 90, período em que especificamente a migração de jornalistas foi mais intensa, o quadro de funcionários da comunicação abriu bastante espaço para os migrantes vindos, principalmente do nordeste. As informações foram obtidas com a gerência de jornalismo.

Na tabela abaixo, temos alguns dos Jornalistas que vieram de outros estados formados e passaram pela empresa:

Nome	Função desempenhada na empresa	Estado de origem	Ano

Jailton Cordeiro	Repórter	Paraíba	1997
Etiene Travassos	Repórter	Paraíba	1997
Marcone Lázaro	Editor-chefe	Paraíba	1997
Michele Parise	Apresentadora	Rondônia	2007
Luciene Sampaio	Repórter	Paraíba	1997
Rossana Gasparini	Repórter	Brasília	2010
Sheneville Araújo	Chefe de reportagem	Acre	2010

Tabela 02. Mostra a relação de alguns profissionais que passaram pela TV Roraima conforme estados de origem.

O quadro de funcionários da emissora atualmente também é formado por alguns profissionais migrantes graduados em jornalismo fora do estado:

Nome	Função desempenhada na empresa	Estado de origem	Ano
Ayslane Dantas	Gerente de jornalismo	Paraíba	1998
Aline Padilha	Apresentadora	Rio Grande do Sul	2007
Rubens Medeiros	Repórter	Paraíba	2011
Janaína Ferreira	Repórter	Paraíba	2012
Cristina Brum	Repórter	Rio Grande do Sul	2012
Ana Livia Sá	Repórter	Rio Grande do Norte	2012

Tabela 03. Mostra a relação dos profissionais que atualmente trabalham na emissora, conforme estados de origem.

Nesta outra tabela temos o restante dos telejornalistas nascidos ou não no estado em que a formação foi concluída, ou está em execução no estado:

Nome	Função desempenhada na empresa	Estado de origem	Ano
Iara Bednarczuk	Editora Geral	Rio Grande do Sul	1995
Aliny Brito	Chefe de Redação	Paraíba	2011
Márcia Fernanda	Editora	Roraima	2002
Evilene Paixão	Editora	Roraima	2012
Mária Cláudia	Coord. Núcleo de Rede	Pernambuco	2012
Ádria Santos	Repórter	Roraima	2011

Ellen Ferreira	Apresentadora	Pará	2011
Gabriela Nogueira	Produtora	Roraima	2010
Déborah Machado	Produtora	Ceará	2011
Gilmara Bezerra	Produtora	Roraima	2011
Érica Figueredo	Repórter	Roraima	2000
Johann Barbosa	Repórter	Paraíba	2009
Gleide Rodrigues	Repórter	Roraima	2009
Rodrigo Santana	Repórter	Roraima	2012
Ricardo Amaral	Repórter	Roraima	2012
Yana Lima	Estagiária de produção	Roraima	2011
Amanda Teixeira	Estagiária de produção	Roraima	2012
Valéria Oliveira	Estagiária de produção	Roraima	2012

Tabela 04. Mostra a relação dos profissionais que atualmente trabalham na emissora, conforme estados de origem e formação concluída ou em execução no estado.

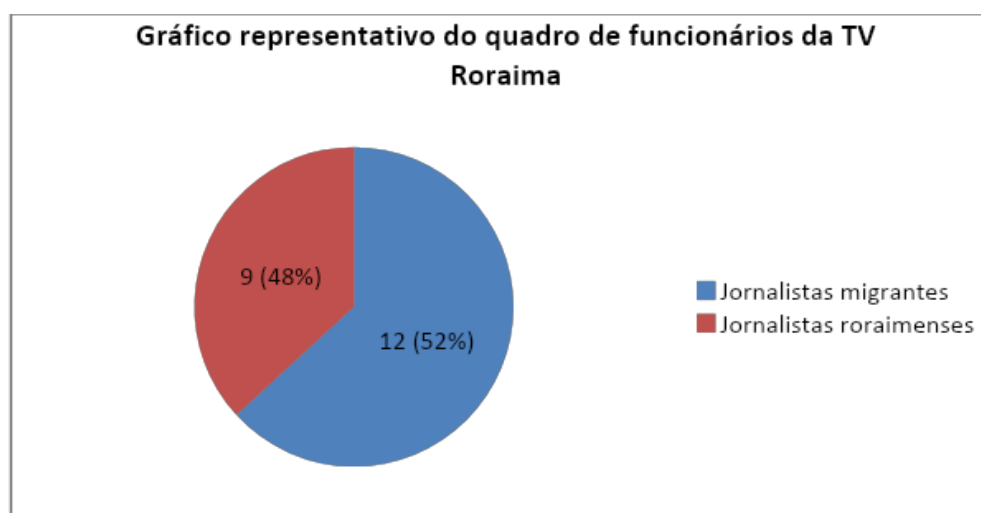


Gráfico 02. Mostra percentual dos jornalistas migrantes e não migrantes na TV Roraima.

Ao identificar as características do profissional de jornalismo encontrado na emissora e que se encaixam no foco da pesquisa, a partir dos próximos capítulos será aplicada a metodologia que irá analisar a interferência desse migrante na narrativa jornalística e o seu processo adaptativo. Neste caso, o estudo será feito com base na semiótica da cultura.

Tendo em vista que o texto jornalístico na televisão é complexo na sua construção, porém simples em sua aparência, com o apoio das imagens na composição da notícia a compreensão do conteúdo é mais fácil. Também é preciso avaliar que a identificação do leitor com a informação se deve a maneira como ela será construída respeitando as qualidades lingüísticas da região.

Levando em consideração que em Roraima a população tem um linguajar peculiar, específico, alguns textos de TV voltados para este público, devem conter palavras, ditados populares característicos da região. Além da preocupação que o profissional precisa ter para “disfarçar” o sotaque de origem que causa certo distanciamento com a realidade local.

Com base em tais elementos, a análise de conteúdo vai identificar se as interposições lingüísticas do jornalista migrante influência na construção da narrativa jornalística e na identidade do profissional local ou não. A forma como ele se adapta a outra realidade também será avaliada.

3 SEMIÓTICA RUSSA

3.1 HISTÓRIA

A relação entre natureza, cultura e linguagem dentro do processo comunicacional da vida no planeta tem seu estudo baseado na semiótica. Onde há língua, linguagem e comunicação haverá signos reivindicando compreensão. Daí surge o campo de investigação de muitos pesquisadores: a semiótica da cultura.

Para Machado (2003, p.25) “ A necessidade de compreender problemas de linguagem fez com que a semiótica da cultura já nascesse não como uma teoria geral dos signos e das classificações, mas como uma teoria de caráter aplicado, voltada para o estudo das mediações ocorridas entre fenômenos diversificados.”

Para investigar o universo da produção dos sentidos, das diversas linguagens por meio de um sistema organizado de sinais, a semiótica é a ciência indicada. E uma de suas maiores características está no fato de não contestar os paradigmas de

outras ciências, no qual há aprofundamento da pesquisa que pode se tornar praticamente infinito.

A Escola de Tártu- Moscou surgiu como resultado de um longo amadurecimento sobre os problemas que existiam, cada vez mais, encaminhamentos semióticos. Propõe formas de compreensão e não estimula a compactação de respostas fechadas; pelo contrário opera deslocamentos para outros ângulos. A idéia de que a cultura é a combinatória de vários sistemas de signos, cada um com codificação própria, é a máxima da abordagem semiótica da cultura que se definiu, assim, como uma semiótica sistêmica (MACHADO, 2003, p. 25, 26 e 27).

Na semiótica sistêmica, cultura é o processamento de informações que se organiza em algum sistema de signos ou códigos culturais e assim a semiótica da cultura passa por transformações. O que é não cultura muda para cultura. Uma vez que se não se pode falar em cultura sem levar em consideração o campo de manifestações interligadas.

Com a parceria entre lingüística e cibernética descobriu-se a prevalência do código e dos mecanismos de controle para a eficácia das mensagens. A ciência dos sistemas de signos transmissores de informações como se definiu a semiótica, trouxe uma concepção vinculada à teoria matemática da informação e da comunicação fundamental para o ordenamento da cultura.

O modelo cibernético tornou-se instrumento para a compreensão do homem como sistema semiótico; da arte como linguagem; da cultura como mecanismo de memória ou de controle. Com isso, o campo de atuação da semiótica se ampliou, abrangendo os sistemas que, embora não fossem lingüísticos, não eram destituídos de linguagem uma vez que eram dotados de mecanismo de tradução, ou de recodificação. Por isso o estudo sobre os sistemas modelizantes tornou-se o eixo central da disciplina semiótica da cultura (MACHADO, 2003, p. 47).

A idéia básica da modelização é a possibilidade de considerar tanto as manifestações, os produtos ou atividades culturais, quanto as organizações de acordo com qualquer tipo de linguagem e, conseqüentemente como texto. Tal conceito uniu as pesquisas do grupo originando um projeto semiótico avançado.

Para Machado (2003, p. 51), a conquista da formulação de um instrumento teórico foi “capaz de dar conta dos deslocamentos das investigações sobre um sistema de signos- os signos verbais- a outro – o vasto contingente de signos comunicativos não verbais da cultura”.

O princípio da semiótica se baseia no significado do signo que se refere a realidade. Cada um tem uma percepção diferente do signo. É tudo aquilo que representa algo ou alguma coisa para alguém.

O signo é todo sinal de realidade, toda marca que representa algo que está fora dele, mas de que, em alguns casos, ele é parte. Assim, os nomes não são as coisas nem as pessoas, mas as representam na ausência; os símbolos representam outros sentimentos, fenômenos e objetos que jamais caberiam inteiramente naquele sinal/símbolo; alguns signos são marcas de seus objetos (como as nuvens negras que prenunciam chuva, as pegadas que sinalizam a presença física de alguém). Todos nós conhecemos os signos e nos referimos sempre a eles quando falamos de significado ou significação. Ou seja, tudo o que é signo quer dizer algo tem um significado. Temos que admitir que tudo tem um significado, mesmo quando não sabemos dizer qual é. Portanto, tudo é signo (IASBECK, 2006, p. 196).

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MÉTODO

A interação do homem com o seu mundo interno e exterior passou a ser alvo de investigações por muitos filósofos que propõem uma percepção de mundo diferente. Por meio de signos e significações a linguagem verbal e não-verbal das relações entre as pessoas são estudadas a fim de identificar os sistemas de códigos e ideologias.

Assim como a lingüística textual e a análise do discurso, o suporte semiótico vem contribuir com uma análise mais ampla do material concreto (sistemas de códigos) e abstrato (discurso, ideologia) por meio do que são transmitidas as mensagens. (Simões⁸, 2001:86 *apud* Darcilia Simões (UERJ, 2002).

Como a semiótica é a ciência dedicada aos estudos da produção do sentido fica implícita a prática metodológica. Porém, ela não é a única que possui um

⁸ Cf. Darcilia Simões, “Semiótica na comunicação lingüística: um instrumental indispensável”. In AZEREDO, José Carlos (org) *Letras & comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001. [p. 86-100]

sistema organizado de conhecimentos sobre os sentidos. É na linguagem que está presente o seu objeto privilegiado de análise.

A busca pela verdade é o compromisso de todas as ciências positivas. Para Iasbeck (2006 p.01) cada ciência conforme seus paradigmas e montagens teóricas, “persegue sistematicamente trilhas racionais capazes de não só revelar verdades como também de comprovar essas verdades na prática do compartilhamento e da disseminação do conhecimento”.

A metodologia para pesquisa proposta pela semiótica no âmbito de todas as ciências não ofende e nem contesta os padrões de cada uma. O que deixa claro o respeito e a possibilidade de incluir a produção de sistemas de organização e sistematização do conhecimento em formas, às vezes, inesperadas porque “multiplaneares e multidirecionais”. O que resulta num aumento das chances exploratórias do objeto.

O signo – conceito base da semiótica do norte-americano Charles Peirce – é tudo aquilo que nos chega da realidade, que nos é dado perceber e que, portanto, não é a realidade inteira, mas uma parcela dela, uma parte ou uma dimensão que representa o todo, na impossibilidade de que ele apareça em sua plenitude. Traduzindo em miúdos, o signo é todo sinal de realidade, toda marca que representa algo que está fora dele, mas que, em alguns casos, ele é parte. Assim, os nomes não são as coisas nem as pessoas, mas as representam na ausência (IASBECK, 2006, p.02).

Outro conceito básico da semiótica é o texto, que significa o ambiente do signo. Ele foi descoberto pela semiótica russa no início do século passado e corresponde “ao conjunto composto do fundamento do signo, das marcas que ele carrega do objeto que representa e dos demais signos o acompanham, que o interpretam” (IASBECK, 2006, p .03)

Conforme (...) Todo indício (signo) contém de forma sintética, vários outros indícios (também signos) aptos para dar consistência à representação da realidade. Mesmo de forma imprecisa ou repetitiva a autenticidade representativa do signo é mantida sem desmerecê-lo, nem descaracterizado.

O projeto semiótico é o lugar no qual vamos delimitar o objeto da pesquisa, formular problemas em torno desse objeto, lançar hipóteses, organizar objetivos e, sobretudo estabelecer as melhores metodologias de aporte. Fazem também parte do projeto, as intenções de cumprimento de prazo na realização da pesquisa e as formas de acesso analítico ao objeto, tais como as leituras e os pontos de observação. (...)um projeto que elege a semiótica

por fundamentação tende a ser um projeto dinâmico, autotransformável a cada aplicação, a cada fase do processo investigativo (IASBECK,2006, p.?)

É importante lembrar que o projeto semiótico não pretende chegar a conclusões gerais ou a fechamentos exatos. É o trabalho com as possibilidades que faz a ligação com os sentidos. Deste modo, a atitude semiótica opta por deixar aparente a complexidade das manifestações do objeto. Por outro lado ele também garante a organização do sefeitos e repercussões em volta dessa complexidade.

Mas para lasbeck (2006, p. 04) o domínio “não circunscreve ou encarcera o objeto: antes, admite que ele possa circular independentemente de eventual controle, sendo, portanto, passível de sofrer efeitos imprevisíveis, daqueles que jamais poderiam ser imaginados quando do projeto inicial”.

3.3 A TÉCNICA

Dentre os níveis culturais da semiótica russa temos a cultura a social, cultural material e cultura mental. Conforme Posner (1998) a primeira diz respeito aos grupos sociais. A segunda tem relação com os elementos desenvolvidos e utilizados pelo grupo social. E por fim a cultura mental significa os hábitos, valores, idéias morais desse grupo.

Dessa forma, o conjunto de jornalistas migrantes, alvo desta pesquisa são considerados como cultura social ou sociedade que mantém relações mútuas entre si. Na televisão, eles formam uma camada expressiva de profissionais que se relacionam e tem linguagens diferentes.

Já a cultura material dentro desse contexto é caracterizada pelos instrumentos e ferramentas de trabalho da classe social dos jornalistas de televisão como o microfone, a câmera, o computador, a reportagem, o VT. Utilizados no desenvolvimento da reportagem, durante a apuração da notícia.

Todas as regras do telejornalismo, apreendidos durante a formação profissional na faculdade, o estilo de cada profissional, as idéias e os valores adquiridos durante o dia a dia exercendo as atividades jornalísticas e que eles dão ao texto são considerados como cultura mental.

E ainda falando sobre cultura mental, dentro do seu caráter semiótico ainda é possível identificar os mentefactos. Eles podem ser considerados como os significados num sistema de significantes e significados (códigos). A cultura mental de uma dada sociedade é um conjunto de códigos aplicados por aquela sociedade.

Estas considerações levam à conclusão de que cada um dos três níveis de cultura tem um status semiótico bem definido: a sociedade é definida como (um conjunto) de usuários de signos, a civilização como (um conjunto) de signos, e a mentalidade como (um conjunto) de códigos. Esta abordagem fornece uma base teórica para relacionar os três níveis entre si: os usuários do signos não podem existir sem a semiose, que envolve signos e códigos. Esta é a razão pela qual a sociedade é impensável sem a sua civilização e mentalidade específicas (POSNER, 1998, p. 38).

Posner explica ainda que seja estruturada como um sistema concêntrico de esferas semióticas e não-semióticas que podem ser classificadas em quatro áreas diferentes:

- a) Extracultural que é completamente desconhecida de seu grupo social;
- b) Não-cultural que apesar de ser conhecida pela sociedade ela é considerada oposta à sua própria cultura;
- c) Culturalmente periférico é uma parte da cultura social, porém não é centralizada;
- d) Culturalmente central é o que define determinada cultura social.

Nesse sentido, não cultura para os migrantes é a própria identidade do local onde escolheram viver, ou seja, é oposta à sua cultura. Na redação de jornalismo ocorre a mesma coisa. De um lado jornalistas natos do estado e do outro uma imprensa de naturalidades diferentes, adversas, mas não desconhecidas. Como por exemplo, o gaúcho e o roraimense.

O jornalista migrante a quem nos referimos nesta pesquisa é considerado culturalmente periférico quando não consegue se adequar a linguagem local, com

dificuldades na elaboração da notícia que contenha elementos regionais e também na falta de um tratamento de voz, na forma de falar que oculte o sotaque e mantenha uma dicção de fácil entendimento.

Ele passa a se tornar culturalmente central na redação de jornalismo da TV Roraima, quando a reportagem contém noções mais apuradas do contexto cultural local, que com o esforço profissional e a ajuda de outros colegas de profissão é possível chegar ao objetivo. E por meio de um tratamento de voz com um fonoaudiólogo também se elimina as diferenças na narração.

A mudança cultural e a modificação na segmentação da realidade dentro de esferas semióticas e não-semióticas podem acarretar dois processos: semiotização e dessemiotização, no qual ocorre a criação e a destruição de um código.

Dentro desse contexto, a semiotização do jornalista migrante ocorre quando atende aos padrões estéticos da fala e do texto jornalístico e deixa de lado a sua cultura, ou seja, enquanto profissional ele se aproxima da cultura central e dos anseios propostos pela emissora de televisão. E na dessemiotização ocorre o contrário. Ele deixa de lado a cultura pessoal dele para atender os padrões estéticos do telejornalismo, ou mesmo da empresa onde trabalha, atingindo seu objetivo como profissional e enquanto pessoa ele se afasta da cultura central.

3.4 APLICAÇÃO DA TÉCNICA

Todos os telejornalistas atuantes na TV Roraima, compõem o universo de profissionais da comunicação no estado, assim como as outras seis emissoras (TV Imperial, TV Caburaí, TV Cidade, TV Boa Vista, TV Tropical e TV Universitária), que ao todo totalizam uma média de 68 funcionários da área.

Elas estão posicionadas no centro da cultura social: Jornalismo em Roraima. Por ser a mais antiga a TV Roraima é a que está mais próxima do centro. Elas representam a cultura social das empresas de comunicação de TVs abertas no estado. Isto pode ser ilustrado na figura abaixo:

Cultura social: Empresas de comunicação social – TVs abertas



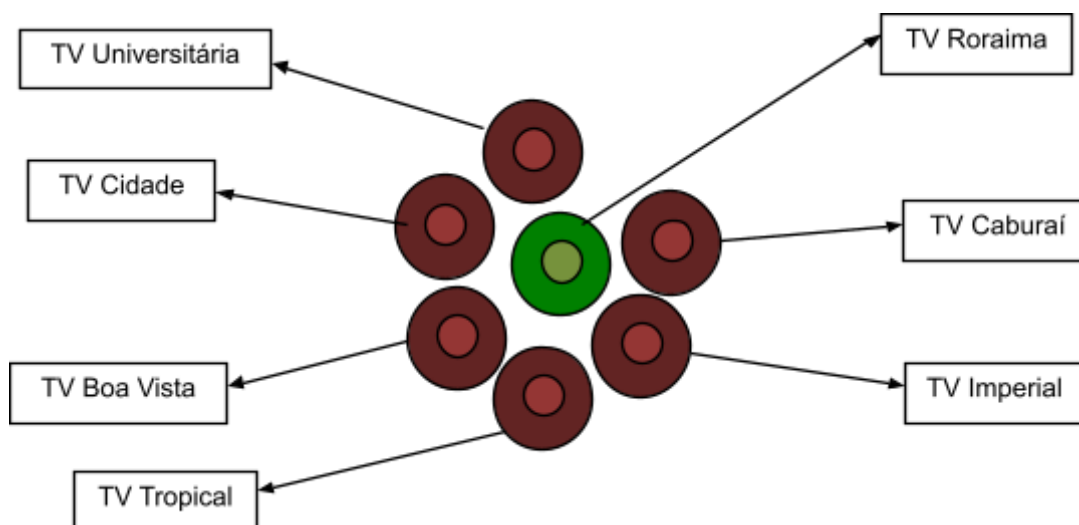


Figura 01. Representa o status das empresas de comunicação, no caso as TVs abertas em relação à cultura de Roraima

Com exceção da TV Caburaí e da TV Tropical que não possuem programação local e só retransmite a programação nacional e por isso estarão localizadas no lado externo do núcleo da semiosfera considerada cultura periférica. Isso porque dentro deste universo os programas de cunho jornalístico não existem.

Cultura social: Empresas de comunicação social – TVs abertas com programas jornalísticos

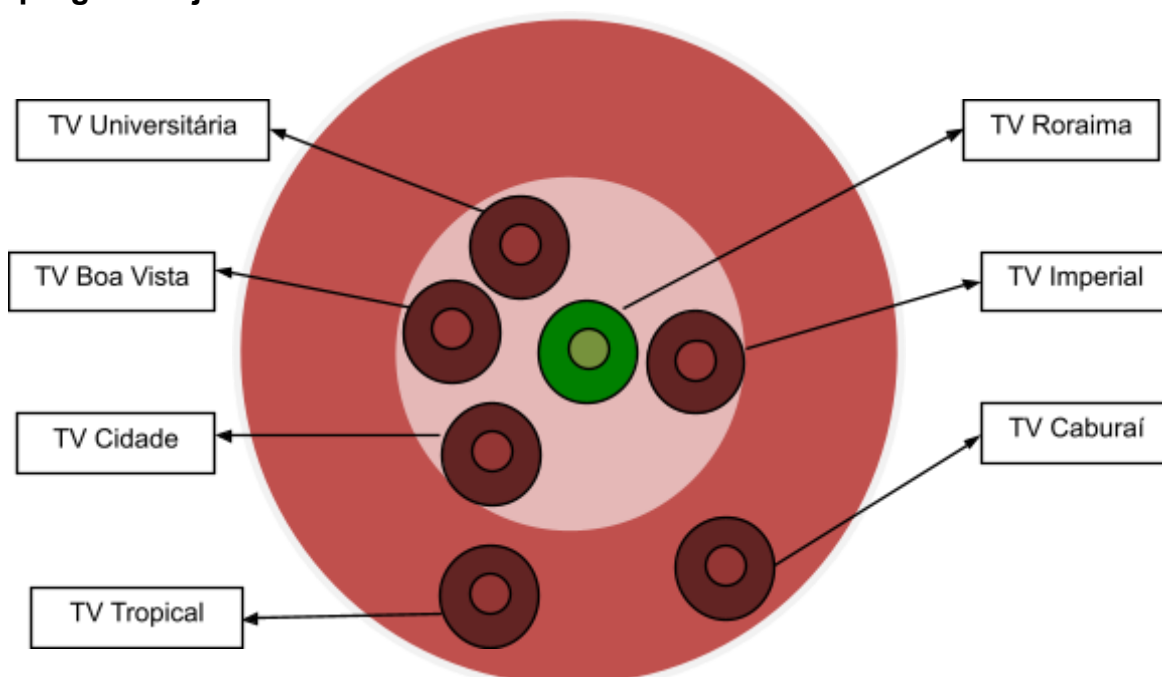
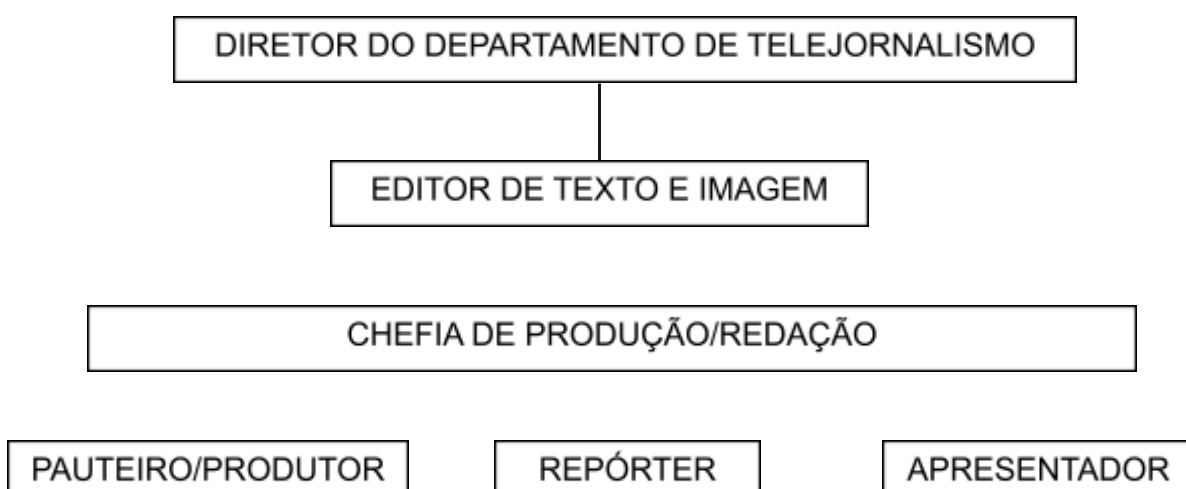


Figura 02. Representa o status das empresas de comunicação, no caso as TVs abertas em relação à cultura de Roraima com programas jornalísticos

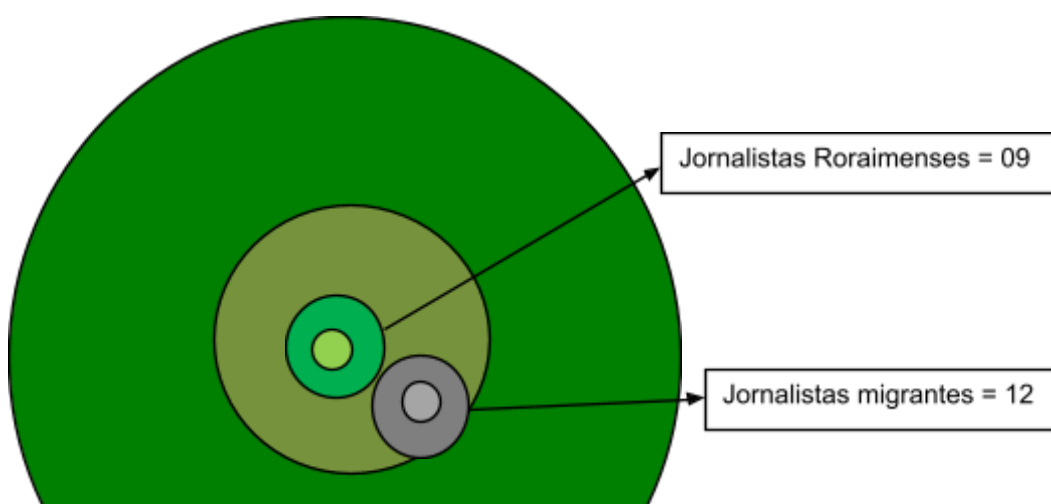
Em linhas gerais, cada emissora de televisão possui várias funções específicas na redação dentro da cadeia telejornalística:



Mas para efeito de análise, o enfoque estará no trabalho dos profissionais que atuam diretamente na linha de frente da emissora e da notícia na televisão como os repórteres e apresentadores. Eles serão divididos em dois grupos distintos com base na migração.

Os jornalistas roraimenses são culturalmente centrais porque trazem representatividade a emissora e os migrantes são culturalmente periféricos até que se adéqüem ao sistema da TV Roraima. Essa aproximação ao centro é iniciada, pois foram contratados e fazem parte do quadro de funcionários.

Cultura social: Jornalistas da TV Roraima = 21



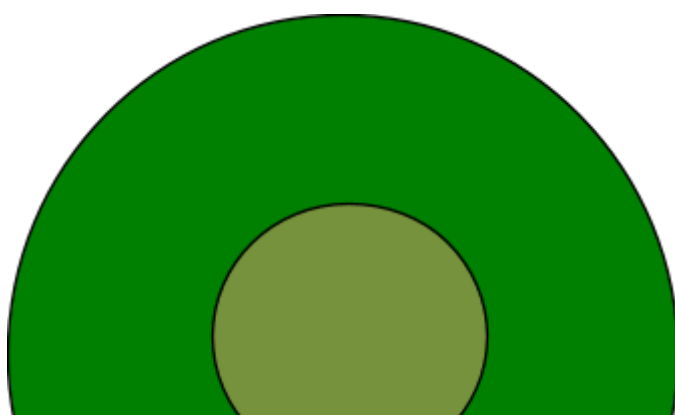
Jornalista recém contratado = cultura periférica Cultura material: Utilização da fala/ texto Cultura mental: O sotaque atrelado a informação

Figura 03. Representa o status do jornalista migrante e do jornalista roraimense em relação à cultura dos jornalistas da TV Roraima

A cultura material nesse caso que vai dar efeito a análise semiótica é representada pelo texto e a voz do profissional de televisão. Embora estejam em fase de inserção na cultura dos jornalistas (apresentadores e repórteres da TV Roraima), os jornalistas migrantes ainda possuem elementos que atrasam a efetiva representação deles dentro da emissora. Para exemplificar, vai ser realizada uma análise comparativa entre a cultura de cada entrevistado migrante com a cultura jornalistas (apresentadores e repórteres).

Diante disso, a cultura mental se baseia no sotaque e ao vocabulário lingüístico da cidade de origem atrelado ao trabalho executado na emissora com a informação. Em relação ao grupo de jornalistas da TV Roraima, os jornalistas migrantes encontram-se em processo de semiotização, passando da periferia ao centro enquanto se acostumam com o padrão imposto pelo veículo, momento ilustrado na figura a seguir:

Cultura social: Jornalistas da TV Roraima = 21



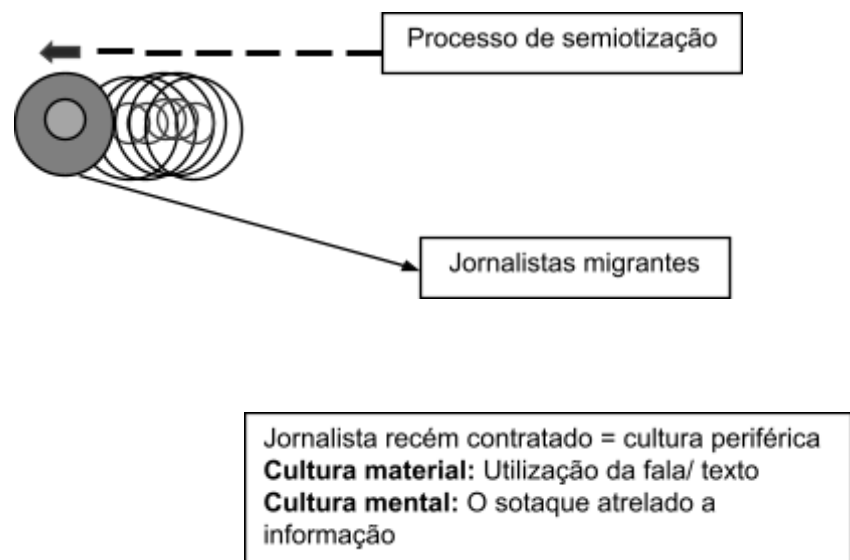
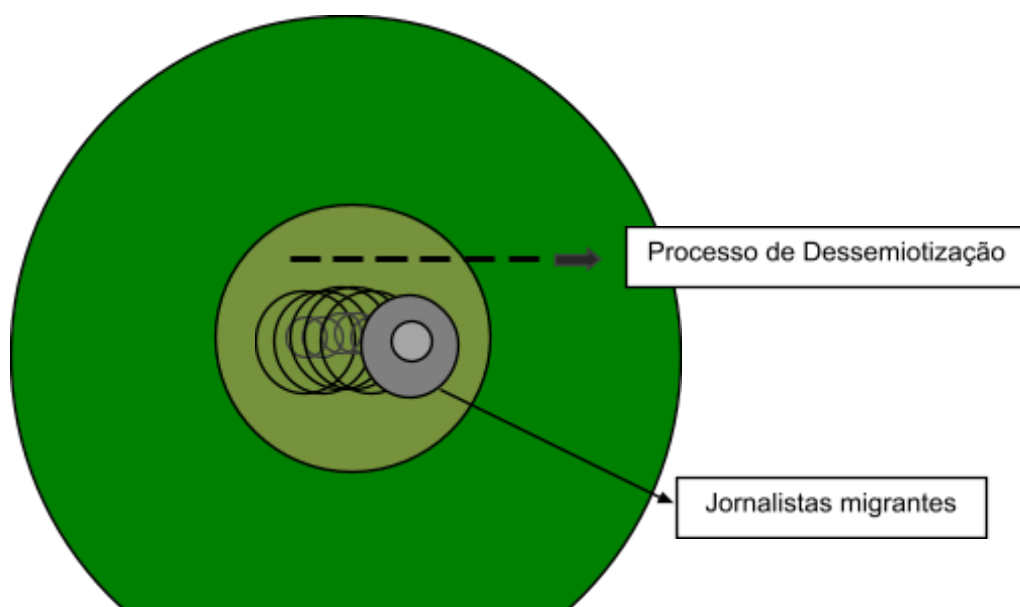


Figura 04. Representa o status do jornalista migrante em relação à cultura dos jornalistas da TV Roraima, ocasião da semiotização

Quando o período de adaptação na empresa, com a prática do dia a dia e a ajuda de um profissional da voz como o fonouadiólogo não traz êxito a evolução desse migrante ocorre o processo de dessemiotização. A partir do momento que o jornalista narra uma reportagem com vestígios de sua origem ou mesmo sem conhecimento de causa de determinado assunto referente a cultura local ele se afasta do campo central da emissora para atender sua vontade ou personalidade íntima. Este processo pode ser visualizado na figura a seguir:

Cultura social: Jornalistas da TV Roraima = 21



Jornalista recém contratado = cultura periférica
Cultura material: Utilização da fala/ texto
Cultura mental: O sotaque atrelado a informação

Figura 05. Representa o status do jornalista migrante em relação à cultura dos jornalistas da TV Roraima, ocasião da dessemiotização

Três jornalistas migrantes da TV Roraima passaram por avaliação para tentar identificar os elementos que compõem o conjunto de preocupações que o jornalista repórter e apresentador, principalmente, devem ter para fazer um bom trabalho diante das câmeras. A primeira analisada é a apresentadora Aline Padilha que dos três é a mais antiga na emissora, desde 2007.

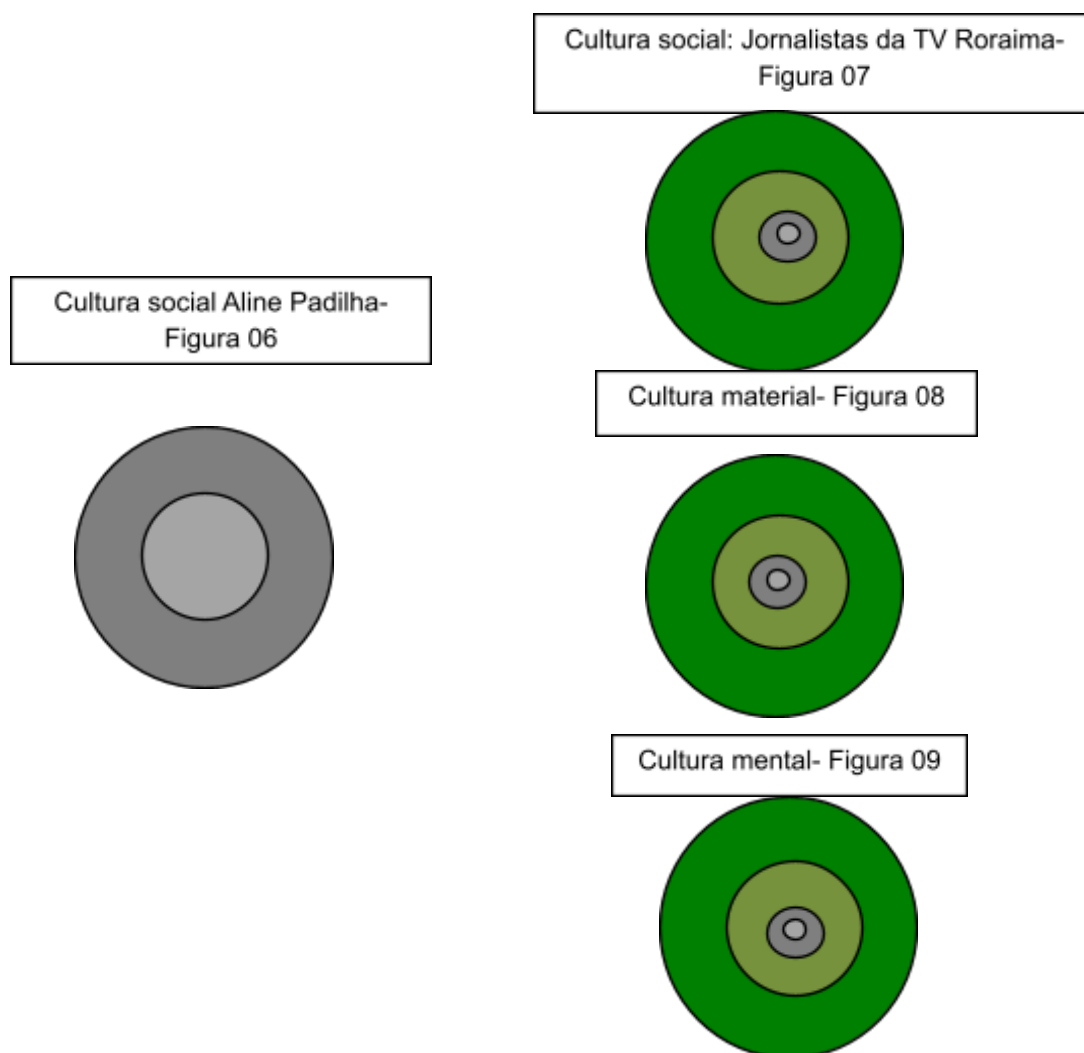
Chegou a Roraima sem experiência na área, mas disposta a encarar o desafio e aprender a dinâmica da televisão. O forte sotaque e o desconhecimento da cultura local foram os grandes empecilhos no início da carreira. Havia certa pressão da gerência de jornalismo da época para que ela se enquadrasse aos padrões se não estaria fora desse mercado, até que com a ajuda do fonoaudiólogo e a força de vontade, hoje em dia, dificilmente o sotaque aparece.

Por isso dentre os três níveis culturais, no caso da Aline Padilha (Figura 06), na esfera da cultura social dos jornalistas da TV Roraima (Figura 07) ela encontra-se no centro em razão de fazer parte do quadro de funcionários e após cinco anos se estabilizou na apresentação do Jornal de Roraima.

As técnicas vocais da fonoaudióloga e o esforço de Aline para conseguir manter-se com uma postura vocal neutra, uma voz que dá sentido a imagem e um texto claro, objetivo com uma linguagem de fácil entendimento que fazem parte da cultura material dos jornalistas da TV Roraima (Figura 08) e agora também da Aline Padilha, são signos centrais.

A realização profissional por ter conseguido separar o seu lado cultural do lado profissional, mantendo uma postura padrão, apesar de ainda manter contato com os elementos do Rio Grande do Sul fazendo reportagem como, por exemplo, sobre a semana farroupilha traduzem o sentimento dela hoje depois de 5 anos na

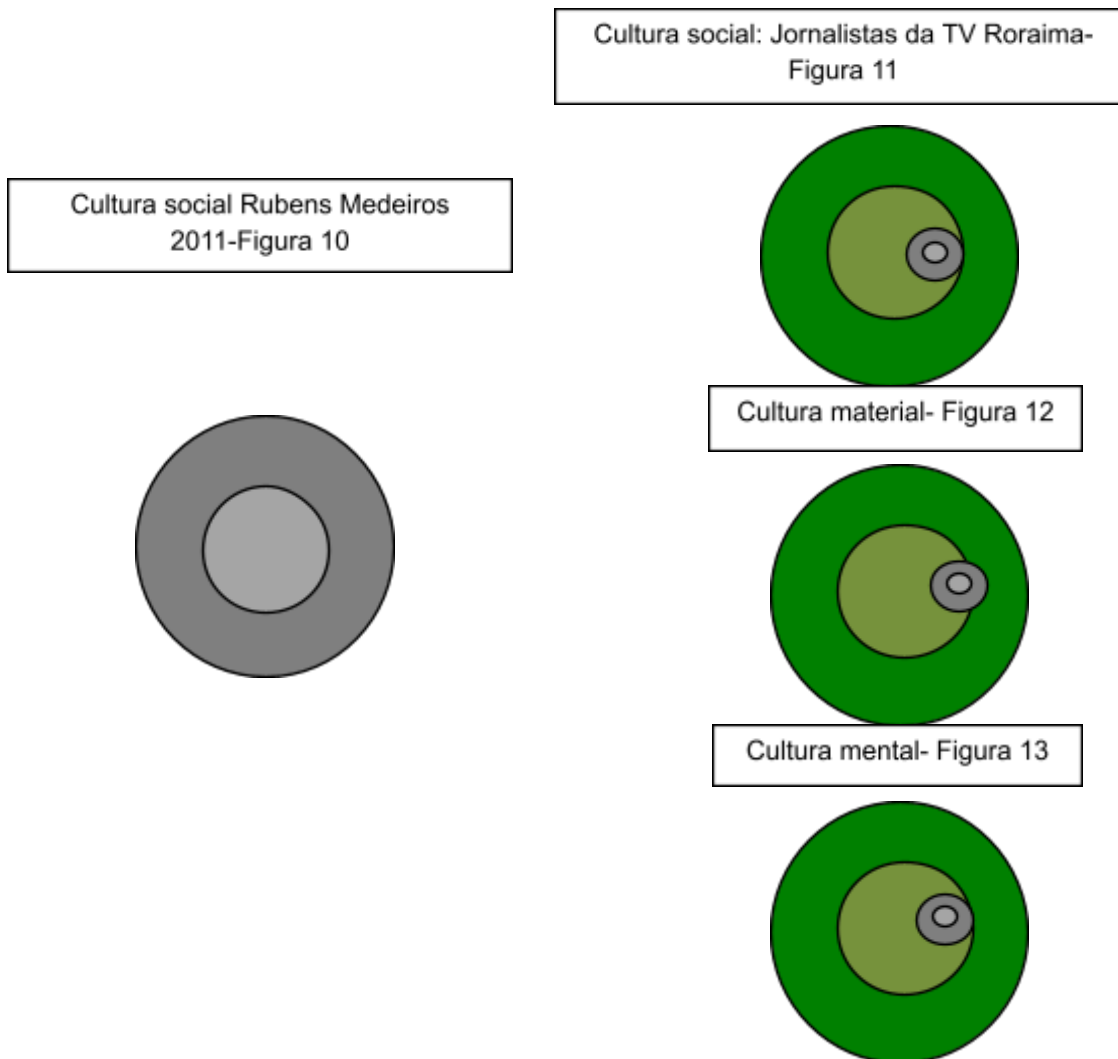
emissora. Por este motivo, a cultura social Aline é central na cultura mental dos jornalistas da TV Roraima (Figura 09).



O jornalista Rubens Medeiros chegou à emissora no início de 2011 e na bagagem intelectual já trazia um pouco de experiência em televisão, pois trabalhar nessa área era seu principal objetivo. E, portanto, desde a faculdade ele buscou se aprofundar nos estudos que envolvem o trabalho na televisão e para melhorar a voz, a dicção fez por conta própria consulta com fonoaudiólogos visando essa padronização nos veículos de comunicação.

Com esse diferencial, Rubens teve mais dificuldades com relação a adequação da notícia a cultura local. Em Roraima predomina a diversidade cultural indígena e nesse sentido, muitas palavras ou costumes vêm dessas origens. Então só o tempo faria que ele se habituassem a linguagem. Então a cultura social Rubens (Figura 10) na esfera da cultura social dos jornalistas da TV Roraima (Figura 11)

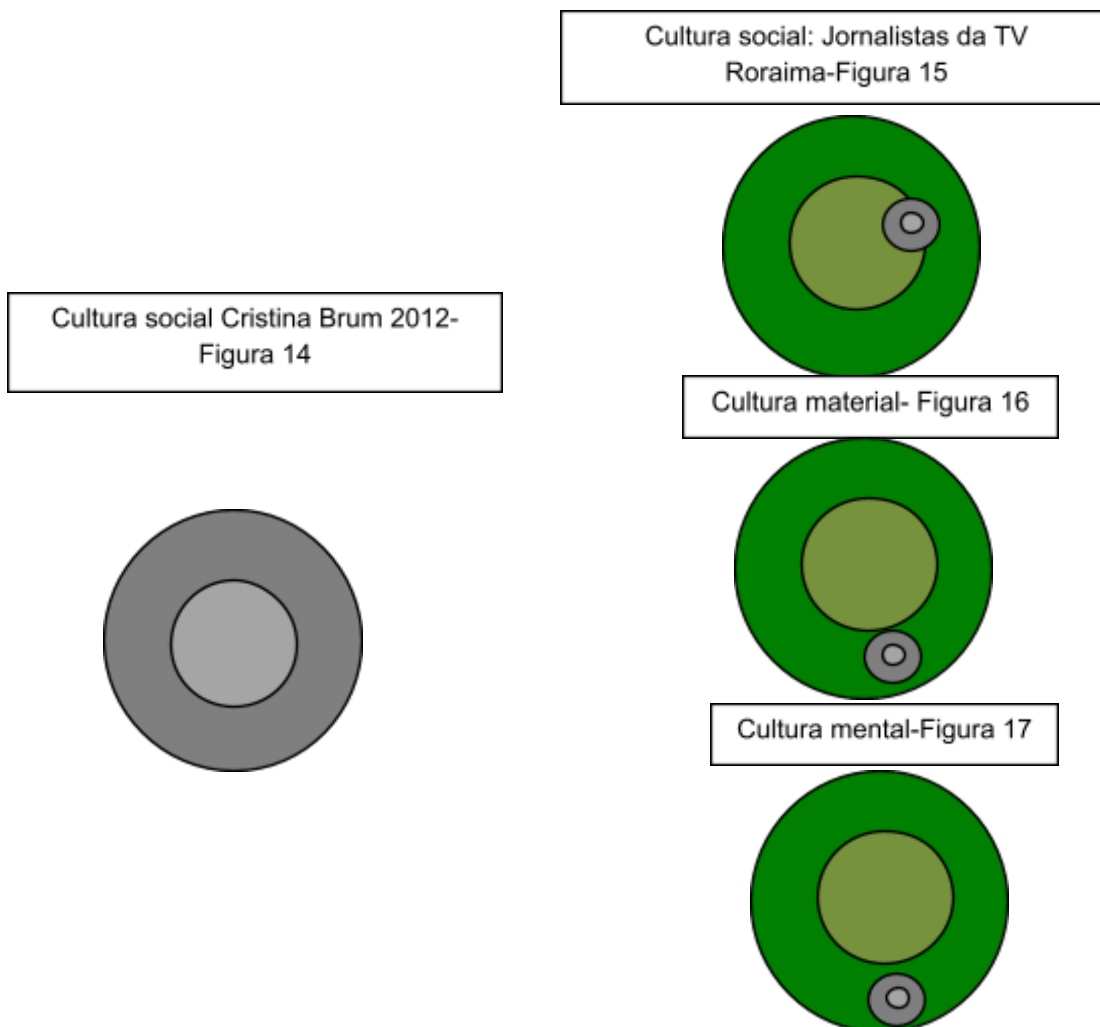
inicialmente é periférico em razão apenas da contratação. Na esfera da cultura material (Figura 12) há certa distância do centro devido às adequações do texto. E por fim, a cultura mental (Figura 13) também é central por conta da permanência dele na reportagem que a cada dia proporciona conhecimento.



No caso da jornalista Cristina Brum (Figura 14), recém chegada na TV Roraima, em 2012, a análise se baseia, nos quase quatro meses de experiência dentro da emissora. Ela também veio do Rio Grande do Sul sem conhecimento prático do mercado de televisão, tendo trabalhado somente em rádio e assessoria. Na esfera da cultura social dos jornalistas da TV Roraima (Figura 15), Cristina ainda está na periferia porque ela passou a fazer parte do quadro de funcionário, mas ainda precisa se ajustar aos padrões.

Cristina ainda carrega muito sotaque e tem uma linguagem típica do Rio Grande do Sul. Ao fazer uma reportagem, a narração revela sua identidade cultural e o texto ainda possui muita variação linguística. Ou seja, na esfera da cultural

material dos jornalistas da TV Roraima (Figura 16), ela também está na periferia por apresentar esse desacordo. Apesar do desejo latente de se efetivar como repórter em busca pelos recursos que possam melhorar o trabalho, Cristina está na periféria da cultura mental dos Jornalistas da TV Roraima (Figura 17).



4 DOCUMENTÁRIO

4.1 PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO

Propõe-se um ensaio áudio-visual enfocando o jornalista migrante na televisão. A idéia é construir o processo de adaptação desses profissionais que ao chegarem à TV Roraima (emissora escolhida para análise) tiveram que se adequar a um sistema em que a voz e o sotaque precisam de ajustes para suavizar a identidade regional dos mesmos e o no caso do texto buscar incluir uma linguagem

cultural típica da região, respeitando as características que dão identidade ao povo roraimense.

Fazer telejornalismo não é simplesmente apreender as regras, ou técnicas básicas da construção do texto, da voz e da imagem na televisão. A preocupação com a notícia, abordagem, conteúdo e as formas de como serão exibidas e entendidas pelo público por meio do vídeo são importantes e devem ser avaliadas dentro deste processo. Por isso a necessidade de mostrar neste documentário as transformações do profissional de comunicação na TV.

A diversidade cultural do Brasil revela traços e costumes diferentes espalhados por todo o país e a migração das pessoas ocorre para disseminar as diferenças e semelhanças entre cada um. Este é o ponto de partida do vídeo documentário. Expor a naturalidade e a cultura dos três jornalistas migrantes pesquisados que difere da realidade roraimense e a partir daí desenvolver os desafios e dificuldades encontrados na carreira de televisão.

Os depoimentos sobre casos específicos no tratamento da voz e no texto, seguindo os padrões da emissora, com a ajuda de fonoaudiólogos para atenuar o sotaque e na busca pelo conhecimento das especificidades da região na hora de escrever o texto compõem a sequência do vídeo. A ilustração dos acontecimentos será feita por meio das reportagens e apresentações dos jornalistas durante o período de trabalho na emissora.

Para que haja clareza no entendimento dessas questões que envolvem a variação lingüística (vocabulário) e as diferentes maneiras de falar também foram colhidos depoimentos de especialistas na área: uma professora de lingüística e uma fonoaudióloga, respectivamente. Na prática elas vão explicar como esses dois pontos podem ser trabalhados no dia a dia do telejornalista e são fundamentais para o exercício da profissão.

Enfim, o universo e o encadeamento lógico do documentário vão ser baseados nos depoimentos dos personagens, com imagens de apoio intercaladas do produto que representa o trabalho de cada um dentro da emissora. Ou seja, eles serão responsáveis por narrar o contexto de suas experiências, adequações e reflexos como migrantes no veículo de comunicação, onde a imagem, o texto e a voz vigoram qualidade.

4.2 ELEIÇÃO E DESCRIÇÃO DOS OBJETOS

Para desenvolver a proposta do documentário, será estabelecida relação com os seguintes personagens:

Aline Padilha - Natural do Rio Grande do Sul e atualmente é apresentadora do Jornal de Roraima na filiada da Rede Amazônica.

Rubens Medeiros – Natural da Paraíba e atua como repórter na emissora.

Cristina Brum – Natural do Rio Grande do Sul e exerce a função de repórter na TV Roraima.

Ayslane Dantas – É a gerente de jornalismo do veículo de comunicação que coordena os trabalhos do setor.

Manoela Gomes – Fonoaudióloga da emissora para orientar e ajudar os jornalistas com a voz, expressão e postura.

Andréia Lima – É a telespectadora da TV Roraima, canal 4 que gosta de acompanhar a programação dos jornais e percebe a migração e a evolução dos profissionais.

Deborah Freitas – É a professora Doutora em Linguística Aplicada e, portanto, tem bastante conhecimento da diversidade cultural do país

Em apoio aos depoimentos, serão obtidas imagens da TV Roraima, ambientes de trabalhos, atendimento com fonoaudiólogo e arquivos de reportagens.

4.3 ELEIÇÃO E JUSTIFICATIVA PARA AS ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM

A abordagem vai abranger o habitat respectivo a cada entrevistado para compreender como funciona o processo adaptativo do jornalista migrante recém chegado numa redação de jornalismo de TV.

Aline Padilha: é a atual apresentadora do Jornal de Roraima, considerado o principal telejornal da emissora. Ela desempenha essa função há dois anos, mas entrou na emissora em 2007, no qual vinha executando o trabalho de repórter e apresentação de outros telejornais. O primeiro ano foi marcado por muitos desafios,

pois ela ainda apresentava fortes características da sua origem. O intuito é mostrar a evolução dela depois de cinco anos na emissora. A abordagem é feita no ambiente familiar, fora do local de trabalho para verificar as nuances da sua cultura pessoal.

Rubens Medeiros: é o repórter paraibano da TV Roraima. Veio para o estado com o objetivo de trabalhar em televisão, especialmente numa filial da Globo. A personalidade e a bagagem cultural são típicas de um nordestino, mas que, diante das câmeras desaparece. Isso por conta da dedicação dele aos estudos e atendimentos com fonoaudiólogo para se ajustar ao padrão. Há pouco mais de um ano no veículo de comunicação, ele demonstrou grande habilidade em suavizar o sotaque na narração e rapidez na absorção da cultura local. A abordagem também é feita no ambiente familiar.

Cristina Brum: é a repórter gaúcha recém chegada na emissora no início de 2012. Já teve experiências com rádio e assessoria e agora deseja conhecer o universo do telejornalismo. Ainda com sotaque e vocabulários peculiares do Sul do estado se faz necessário um rigoroso trabalho com fonoaudiólogos para que ela passe a atender os padrões impostos pela emissora. Um trabalho, no qual o tempo é o principal aliado para o resultado almejado. É por meio da história dela que será possível compreender como é difícil se adaptar ao sistema de um determinado veículo.

Ayslane Dantas: gerente de jornalismo da TV Roraima. Dentro desse universo documental ela esclarece quais os critérios para contratação de jornalistas e o quanto é importante o tratamento da voz e do texto para televisão, respeitando as regras que a empresa preconiza. O ambiente da TV Roraima foi usado para captar as informações necessárias.

Manoela Gomes: é a fonoaudióloga da TV Roraima. Com ela é possível entender o papel desse profissional na televisão. Uma tarefa que exige muita observação e treino de técnicas vocais e de expressão que melhoram a desenvoltura do telejornalista. As sessões são contínuas e cada profissional tem o seu diferencial, os pontos fortes e fracos. O que depende também da função desempenhada na empresa, se ele é repórter ou apresentador. E nada melhor do questioná-la sobre esse trabalho na própria emissora em contato com os seus pacientes.

Andréia Lima: é a telespectadora da TV Roraima. A visualização do perfil de cada profissional, o desempenho dele e as formas de recepção da mensagem

veiculada na TV serão analisados por meio da pessoa que acompanha a programação em casa e não tem contato com os bastidores de uma redação de televisão. Com isso teremos uma noção da evolução da notícia e do profissional na visão de quem assiste.

Deborah Freitas: professora, doutora em Linguística Aplicada vai contextualizar a diversidade cultural e lingüística no país e vai nos ajudar a entender as diferentes formas de variação e seus reflexos na comunicação. A idéia é fazer um contraponto entre o jornalismo, o texto, a voz e a variação lingüística. É no ambiente acadêmico, uma sala de aula que a professora faz sua explanação sobre o tema.

4.4 SUGESTÃO DE ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

ABERTURA FADE IN: caracteres de apresentação	“Este documentário vai mostrar um pouco da adaptação dos jornalistas migrantes na TV Roraima. Uma preocupação com o sotaque e o vocabulário lingüístico na prática telejornalística”.
FADE IN 2: Plano geral de pessoas nas ruas e efeito de miscigenação	
SONORA 1: Deborah Freitas, professora, doutora em Linguística aplicada	<i>Quando ela fala sobre a diversidade cultural</i>
FADE IN 3: Plano geral dos jornalistas exercendo suas funções como repórter e apresentador	Passagens de reportagens feitas pelos jornalistas com sob áudio
SONORA 2: Cristina Brum, repórter	<i>“Eu sou natural de São Vicente do Sul fica próximo...”</i>

FADE OUT: sonora 2	<i>“...bem no coração do Rio Grande do Sul”.</i>
SONORA 3: Aline Padilha, apresentadora	<i>“Sou natural de Cruz Alta, região noroeste do Rio Grande do Sul...”</i>
FADE OUT: sonora 3	<i>“...é o chimarrão”</i>
SONORA 2: Cristina Brum, repórter	<i>“Seriam todas as características...”</i>
FADE OUT: sonora 2	<i>“...pouco diferente daqui sim.”</i>
FADE IN 4: Planos das danças tradicionais gaúchas	Dança gaúcha
FADE OUT: fade in 4.	
SONORA 4: Rubens Medeiros. repórter	<i>“eu sou de uma cidadezinha do interior da Paraíba....”.</i>
FADE OUT: sonora 3	<i>“..bem tipicamente do interior nordestino”.</i>
FADE IN 5: Planos dos Arraiais e forró pé de serra	
FADE OUT: terço de uma reportagem do Luciano Abreu que fala sobre a fala	<i>“a fala ajuda a identificar as nossas origens, de onde somos ou pelo menos onde aprendemos a falar. Aqui em Roraima sofremos uma forte influência da linguagem indígena e nordestina”</i>
SONORA 5: Cristina Brum, repórter	<i>“Faz um mês que eu estou na externa....”</i>

FADE OUT: sonora 4	<i>“...achando estranho...”</i>
FADE IN 6: entra um trecho da reportagem feita pela Cristina sobre verduras	
SONORA 6: Aline Padilha, apresentadora	<i>“ eu comecei como repórter, depois...”</i>
FADE OUT: sonora 5	<i>“...ou você faz ou você ta fora...”</i>
FADE IN 7: entra um trecho da primeira reportagem feita por Aline sobre madeira	
SONORA 7: Rubens Medeiros repórter	<i>“ o novo jornalismo da globo...”</i>
FADE OUT: Sonora 6.	<i>“...do que a notícia...”</i>
FADE IN 8: um trecho de uma reportagem do Rubens sobre formação yanomami	
FADE OUT: fade in 8	
FADE IN 09: plano de atendimento da fonoaudióloga com uma repórter	
SONORA 08: Manoela Gomes, fonoaudióloga	<i>“...o fonoaudiólogo não trabalha só...”</i>
FADE OUT: sonora 08	<i>“...padrão de voz.”</i>

SONORA 09: Cristina Brum, repórter	<i>“eu achei que fosse muito problemática...”</i>
FADE OUT: sonora 09	<i>“...na hora de gravar o off”.</i>
SONORA 10: Aline Padilha, apresentadora	<i>“..eu sempre tive muita facilidade...”</i>
FADE OUT: sonora 10	<i>“..deixar suas origens de certa forma.”</i>
SONORA 11: Rubens Medeiros, repórter	<i>“..hoje depois de muitas sessões...”</i>
FADE OUT: sonora 11.	<i>“...não saiba de onde eu sou”.</i>
FADE IN 10: plano da telespectadora assistindo um telejornal	
SONORA 12: Andréia Bezerra, telespectadora	<i>“O jornal é o que deixa a gente atualizado...”</i>
FADE OUT: sonora 12.	<i>“...isso é uma evolução.”</i>
SONORA 13: Deborah Freitas, professora, doutora em Linguística aplicada	<i>“O jornalista tem um padrão...”</i>
FADE OUT: sonora 13.	<i>“...falar da sua maneira pessoal, própria de se comunicar.”</i>
SONORA 14: Ayslane Dantas, gerente de jornalis da TV Roraima	<i>“Cada pessoa ela tem seu tom voz...”.</i>

FADE OUT: sonora 14.	<i>“...respeitar o que cada um tem de diferente”.</i>
SONORA 15: Cristina Brum, repórter	<i>“No texto eu ainda tenho um pouquinho de dificuldade...”</i>
FADE OUT: sonora 15.	<i>“...saliência pra gente aqui no norte.”</i>
SONORA 16: Rubens Medeiros, repórter	<i>“Na realidade não é a empresa que exige...”</i>
FADE OUT: sonora 16.	<i>“...fechar uma reportagem sobre índio”</i>
SONORA 17: Cristina Brum, repórter	<i>“Eu acredito que isso ae a gente vai conseguindo conquistar...”</i>
FADE OUT: sonora 17.	<i>“... não ficar tão forte assim esse meu sotaque.”</i>
SONORA 18: Rubens Medeiros, repórter	<i>“Todo dia é um novo dia, toa experiência é uma nova experiência...”</i>
FADE OUT: sonora 18.	<i>“...aprendi na rua, não, aprendi nos livros”</i>
FADE IN 11: SOBE OS CRÉDITOS SOBRE TRILHA.	

5 CONCLUSÃO

O contato com os jornalistas migrantes da TV Roraima resultou numa ampla percepção dos fatores que integram a formação de um bom profissional de

telejornalismo, visto que muitas emissoras adotam um padrão de linguagem e uma linha editorial diferente, levando a necessidade dos funcionários se enquadrarem a todo o sistema.

Foi observado também que a condição de migrante com sotaques e costumes diferentes, aliado a inexperiência na área podem influenciar na prática do telejornalismo. A conversa com os entrevistados, personagens chaves para o andamento desta pesquisa, que viveram ou vivem tal situação mostrou que trata-se apenas de um processo de adaptação .

Como um ponto de recepção migratória, a TV Roraima, da Rede Amazônica filiada a Rede Globo, foco desta pesquisa, retém dentro do seu quadro de funcionários muitos jornalistas vindos de outros estados que carregam, na maioria das vezes, fortes características culturais típicas da região de origem, o que no telejornalismo esta identidade não precisa ser revelada ou destacada.

Para auxiliar neste trabalho de padronização, de camuflagem da identidade, a emissora dispõe do acompanhamento semanal de uma fonoaudióloga para os jornalistas, em geral, a fim de melhorar a qualidade da comunicação e transmissão da notícia e auxiliar os novos profissionais. Assim, destaca-se a preocupação da emissora em fixar padronizações referentes aos aspectos lingüísticos – fala e escrita – dos jornalistas.

Os resultados deste processo foram identificados durante o contato com três jornalistas da emissora de naturalidades diferentes. Por meio da Semiótica da Cultura, observou-se que cada entrevistado possui uma relação diferente entre o desejo de se realizar profissionalmente, considerando a imposição dos padrões da empresa e sua identidade cultural. No processo de semiotização as ações dos jornalistas em favor do sistema da empresa o aproximam da cultura central da TV Roraima e traz representatividade. Porém, quando frequentemente ele não consegue se adaptar em favor da sua identidade, ocorre o processo de dessemiotização, migrando para a periferia da cultura da TV Roraima.

Dois dos jornalistas analisados apresentaram uma evolução, quando se refere a suavidade do sotaque na voz, habilidade com técnicas vocais e de expressão que ajudam na dicção e no melhor entendimento da notícia, além de ter adquirido conhecimentos da cultura local que favorecem na construção da linguagem de um

texto mais regionalizado para televisão. Nesse contexto, o deslocamento da periferia para o centro da cultura dos jornalistas da TV Roraima ocorreu gradativamente, no decorrer dos anos de experiência.

Por outro lado, a terceira jornalista recém-chegada na emissora, ainda em processo inicial de adequação ao sistema passa por dificuldades. E cada vez que as reportagens não se igualam ao padrão desejado ela se afasta do centro de representação da cultura dos Jornalistas da TV Roraima rumo à periferia. Por fim, todos os relatos desta pesquisa contribuíram para a compreensão das complexidades que envolvem o trabalho na televisão e suas consequências na veiculação da notícia.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo – SP, Edições Loyola, 2002, 18 ed.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e Identidade Cultural Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/89909338740467022294660787109172442168.pdf> Acesso em: 15 out. 2011.

IASBECK, Luis Carlos Assis. **O método Semiótico de Pesquisa Científica**. 2004. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=33300&cat=Artigos&vinda=S> Acesso em: 22 março. 2012.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo, Ed. Ática, 1997.

LOPEZ, Debora Cristina; Dittrich, Ivo José. **Identidade Lingüística: Regionalização ou padronização?** Centro Universitário FIB, Salvador e Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-dittrich-identidade-linguistica-regionalizacao-padronizacao.pdf>. Acesso em: 18 out. 2011.

LUCENA, Siomara Regina Cavalcanti. **A Imigração e o Imigrante nas Imprensas Brasileira e Espanhola: Exclusão /Inclusão Social**. Universidade Federal da Paraíba, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgp/images/pdf/dissertacoes/siomara_2008.pdf. Acesso em: 12 fev. 2012.

MACHADO, I (Org.). **Escola de Semiótica**. São Paulo: Ateliê, 2003.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzanatto, 1995.

MARTINS, Simone Teixeira. **A Construção da Notícia: Sobre a Influência da TV – e do Telejornalismo – no Brasil**. Intercom, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0528-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

MEDEIROS, Ana Lúcia. **Sotaques na TV**. São Paulo: Annablume, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso em: 22 jan. 2012.

MENDES, Conrado Moreira. **O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica**. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-conrado-o-falar-do-jornal-nacional.pdf. Acesso em: 18 out. 2011.

PATERNOSTRO, Vera Irís. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro-RJ, Ed. Elsevier, 2006

RAMOS, Jeferson Saldanha. **A Construção das Identidades pelo Telejornalismo Local: estudo da TV MAIS de Novo Hamburgo**. Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2536-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

RODRIGUES , Francilene dos Santos. **Cruzando Fronteiras Nacionais e Identitárias: mulheres migrantes na tríplice fronteira Brasil Venezuela-Guiana**. 32º Encontro Anual da ANPOCS, 2008. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2537&Itemid=230. Acesso em: 10 mar. 2012.

SALES, Neuza Josina. **Jornalismo em TV - Abordagem Fonoaudiológica**. Recife , 1997. Disponível em: <http://www.cefac.br/library/teses/e726700864db1baebc7028e5457f717c.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2012.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. **Aprender Telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo-SP, Ed. Brasiliense, 2004.

SOUZA, Carla Monteiro. **Boa Vista/RR e as Migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados**. Revista Acta Geográfica, 2009 Disponível em: revista.ufr.br/index.php/actageo/article/.../377-. Acesso em: 15 nov. 2011.

VALE, Ana Lia Farias. **Imigração de nordestinos para Roraima**. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000200019&script=sci_arttext. Acesso em: 20 dez. 2011.

VALE, Ana Lia Farias. **O Ceará em Roraima**. Migração de Cearenses.

ANEXOS

ANEXO A Tabela 01 - População residente, por naturalidade em relação ao município e à unidade da federação - Resultados Gerais da Amostra.

Tabela sobre a programação e pesquisa de audiência efetuada pela emissora consta em anexo.

ANEXO B Reportagens dos jornalistas pesquisados.

município e à unidade da federação - Resultados Gerais da Amostra.			
Ano = 2010			
Unidade da Federação e Município	Naturalidade em relação ao município e à unidade da federação	Variável	
		População residente (Pessoas)	População residente (Percentual)
Roraima	Total	450.479	100,00
	Naturais do município	244.524	54,28
	Não naturais do município	205.955	45,72
	Naturais da unidade da federação	277.011	61,49
	Não naturais da unidade da federação	173.468	38,51
Amajari - RR	Total	9.327	100,00
	Naturais do município	7.120	76,33
	Não naturais do município	2.207	23,67
	Naturais da unidade da federação	8.127	87,14
	Não naturais da unidade da federação	1.200	12,86
Alto Alegre - RR	Total	16.448	100,00
	Naturais do município	11.577	70,39
	Não naturais do município	4.871	29,61
	Naturais da unidade da federação	13.243	80,51
	Não naturais da unidade da federação	3.205	19,49
Boa Vista - RR	Total	284.313	100,00
	Naturais do município	154.028	54,18
	Não naturais do município	130.285	45,82
	Naturais da unidade da federação	165.808	58,32
	Não naturais da unidade da federação	118.505	41,68
Bonfim - RR	Total	10.943	100,00
	Naturais do município	7.860	71,83
	Não naturais do município	3.083	28,17
	Naturais da unidade da federação	9.219	84,24
	Não naturais da unidade da federação	1.724	15,76

Cantá - RR	Total	13.902	100,00
	Naturais do município	6.719	48,33
	Não naturais do município	7.183	51,67
	Naturais da unidade da federação	9.584	68,94
	Não naturais da unidade da federação	4.318	31,06
Caracaraí - RR	Total	18.398	100,00
	Naturais do município	9.363	50,89
	Não naturais do município	9.035	49,11
	Naturais da unidade da federação	11.097	60,31
	Não naturais da unidade da federação	7.301	39,69
Caroebe - RR	Total	8.114	100,00
	Naturais do município	1.702	20,98
	Não naturais do município	6.412	79,02
	Naturais da unidade da federação	3.158	38,92
	Não naturais da unidade da federação	4.956	61,08
Iracema - RR	Total	8.696	100,00
	Naturais do município	3.544	40,76
	Não naturais do município	5.152	59,24
	Naturais da unidade da federação	4.845	55,71
	Não naturais da unidade da federação	3.851	44,29
Mucajá - RR	Total	14.792	100,00
	Naturais do município	7.243	48,97
	Não naturais do município	7.549	51,03
	Naturais da unidade da federação	8.977	60,69
	Não naturais da unidade da federação	5.815	39,31
Normandia - RR	Total	8.940	100,00
	Naturais do município	8.050	90,05
	Não naturais do município	890	9,95
	Naturais da unidade da federação	8.568	95,84
	Não naturais da unidade da federação	372	4,16

Pacaraima - RR	Total	10.433	100,00
	Naturais do município	6.791	65,09
	Não naturais do município	3.642	34,91
	Naturais da unidade da federação	8.156	78,18
	Não naturais da unidade da federação	2.277	21,82
Rorainópolis - RR	Total	24.279	100,00
	Naturais do município	7.820	32,21
	Não naturais do município	16.459	67,79
	Naturais da unidade da federação	11.568	47,64
	Não naturais da unidade da federação	12.711	52,36
São João da Baliza - RR	Total	6.769	100,00
	Naturais do município	2.182	32,23
	Não naturais do município	4.587	67,77
	Naturais da unidade da federação	3.145	46,47
	Não naturais da unidade da federação	3.624	53,53
São Luiz - RR	Total	6.750	100,00
	Naturais do município	2.461	36,46
	Não naturais do município	4.289	63,54
	Naturais da unidade da federação	3.314	49,10
	Não naturais da unidade da federação	3.436	50,90
Uiramutã - RR	Total	8.375	100,00
	Naturais do município	8.063	96,27
	Não naturais do município	312	3,73
	Naturais da unidade da federação	8.203	97,95
	Não naturais da unidade da federação	172	2,05

Nota: 1 - Dados dos Resultados Gerais da Amostra.

Fonte: IBGE - Censo Demográfico